



Desfile de Afoxés

CADERNOS DO IPAC, 4



Desfile de Afoxés

Salvador - Bahia
2010

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

Jaques Wagner

SECRETARIA DE CULTURA

Márcio Meirelles

DIRETORIA GERAL DO IPAC

Frederico A.R.C. Mendonça

DIRETORIA GERAL DA FUNDAÇÃO PEDRO CALMON

Ubiratan Castro de Araújo

DIRETORIA DE PRESERVAÇÃO ARTÍSTICO E CULTURAL

Paulo Canuto

GERÊNCIA DE PESQUISA, LEGISLAÇÃO PATRIMONIAL E PATRIMÔNIO INTANGÍVEL

Mateus Torres



FOTOGRAFIAS

Acervo Filhos de Gandhi
Acervo Korin Efan
Acervo IPAC

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Paulo Veiga

PESQUISA HISTÓRICA

Magnair Barbosa

PESQUISA ETNO-HISTÓRICA

Nívea Alves dos Santos

REVISÃO DE TEXTO

Amélia Gomes de Santana

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Gráfica QualiCopy (Salvador/Bahia)

B135 Bahia. Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC.
Desfile de Afoxés. / IPAC. – Salvador : Fundação Pedro
Calmon; IPAC, 2010.
68p. : il. – (Cadernos do IPAC, 4)

Notas de Conteúdo: Acompanha 01 DVD

ISBN:978-85-

1.Afoxés 2.Bahia – Carnaval. I.Título. II.Série.

CDD 394.25 981 42

Sumário

9. METODOLOGIA

Ednalva Queiroz

13. ESTUDO HISTÓRICO

Magnair Barbosa

31. ESTUDO ETNOGRÁFICO

Nívea Alves dos Santos

39. DEPOIMENTOS

61. PARECER SOBRE O REGISTRO DO BEM CULTURAL DE NATUREZA IMATERIAL DESFILE DE AFOXÉS

Mateus Torres



Metodologia

* Ednalva Queiroz

Este estudo sobre o Desfile de Afoxés, expressão característica do carnaval baiano e cujas raízes estão vinculadas à religiosidade afro-baiana, parte das premissas de que o bem cultural, como todo signo, exige um suporte físico – dimensão material que serve de base para a comunicação; uma estrutura simbólica que lhe dá sentido –, que se estabelece na prática dos sujeitos capazes de atuar segundo certos códigos; e que o bem de natureza imaterial ou intangível se caracteriza, segundo a Constituição Brasileira, como uma “referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade.”¹

Com base na solicitação feita ao Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), em 2009, pelo Afoxé Filhos de Gandhi – dando início ao processo de Registro do Desfile de Afoxés como bem cultural que confere uma identidade singular à Bahia –, foi elaborado, pela equipe técnica da Gerência de Pesquisa, Legislação Patrimonial e Patrimônio Intangível (GEPEL), parecer favorável à inclusão desta manifestação cultural no Livro Especial de Registro de Eventos e Celebrações, por reconhecer importante e necessária a preservação de uma manifestação peculiar e culturalmente representativa para a população e para o Estado da Bahia.

A investigação decorrente do processo de Registro solicitado ao IPAC foi desenvolvida utilizando o método de pesquisa qualitativa, considerando a existência

¹ Constituição da República Federativa do Brasil, Cap. III, Seção II, Art. 216.

* Historiadora.

de um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em números. Caracteriza-se pela utilização de um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que permitiram a interpretação dos fenômenos, a atribuição de significados e possibilitaram descrever e decodificar os componentes que dão sentido ao objeto estudado, facilitando o emprego de uma lógica empírica e a definição e dimensionamento do campo de trabalho.

Foi estabelecido um recorte temporal e espacial, limitando a investigação ao período de finais do século XIX até a atualidade, na Bahia, com o objetivo de evidenciar os elementos simbólicos (adornos, vestuários, músicas, dança e outras formas de expressões culturais). Este recorte definiu o campo e a dimensão em que o trabalho se desenvolveu, sendo selecionadas pelo critério de antiguidade de formação, as entidades Filhos de Gandhi, Filhas de Gandhi, Filhos de Korin Efan, Filhas de Olorum, Filhos do Congo, Pai Burukô, Filhas d'Oxum e Korin Efan.

Considerando a historicidade inerente ao objeto de estudo, a pesquisa documental e os relatos se constituíram elementos fundamentais para a análise. Neste caso, considera-se que a linguagem utilizada foi um elemento importante para a construção de um saber repleto de abordagens que se relaciona entre a história, a tradição e as práticas culturais.

O processo de pesquisa compreendeu as seguintes fases:

- Coleta documental (fotografias, jornais, estatutos, etc.);
- Levantamento bibliográfico;
- Entrevistas;
- Registro de histórias de vida e observação participante.

A coleta documental foi realizada no Arquivo Público do Estado da Bahia, Biblioteca Central dos Barris, Fundação Pierre Verger, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e nos arquivos das entidades de Afoxé.

Foram entrevistados participantes dos grupos de Afoxé da Cidade do Salvador citados acima, Filhos do Korin Efan - Mestre Erenilton, Filhas de Olorum - Jorge Ribeiro, Filhos de Gandhi - Agnaldo Silva, Filhas de Gandhi - Glicéria Vasconcelos, Filhos do Congo - Nadinho do Congo, Pai Burukô - Antônio Car-

los (neto de Mestre Didi), Filhas D' Oxum - Dalvadísio Melo e Korin Efan - Balguete Santos, além de músicos, historiadores, pesquisadores e outras pessoas ligadas a essas entidades. As entrevistas foram realizadas nas sedes dos Afoxés e durante o Carnaval, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Resultou das entrevistas um documentário, com duração aproximada de 26 min., após edição das 20 horas (aproximadamente) de captação de imagens.

Para elaboração deste dossiê o pesquisador valeu-se de todo um referencial histórico, simbólico e documental, além da interlocução dos sujeitos envolvidos, detalhando ambientes e fatos, para obtenção de dados que justificam a importância do Registro e salvaguarda do segmento Desfile de Afoxés.



Estudo Histórico

* Magnair Barbosa

Os primeiros registros encontrados sobre os afoxés na Bahia datam do final do século XIX, mais precisamente de 1895, quando clubes negros, que tinham uma organização carnavalesca formalizada, passaram a receber postulações e visibilidade diversas dos afoxés da época.²

A definição etimológica para afoxé é múltipla, primeiro porque os estudiosos que observaram seus desfiles no século XIX não deixaram registros concisos quanto à denominação do termo. Segundo, por se tratar de um termo de ampla abrangência conceitual. Afoxé é uma manifestação carnavalesca composta pelo ritmo ijexá³, cânticos, indumentárias, instrumentos musicais, e ritual. Todos esses itens, conjuntamente, formam o que chamamos de Desfile de Afoxés, cortejo de rua que sai durante o carnaval.

² Manuel Querino e Nina Rodrigues foram os primeiros estudiosos a registrar as festas carnavalescas da Bahia no final do século XIX, os jornais da época também serviram como fonte primária. Nesse período, o conjunto que se conhece por afoxé recebia a denominação de “candomblés” e “africanismos”, identificados a partir dos traços religiosos e festivos africanos. Dois clubes africanos se destacaram na Salvador do pós-abolição: Embaixada Africana e Pândegos da África. Anterior a este período há notícias dos inúmeros batuques negros que se realizavam, mesmo a contragosto de alguns segmentos da sociedade, pelas ruas da cidade. Este indício aponta para a resistência dos ritmos africanos, não somente nos dias de carnaval, mas também entrelaçados a vida cotidiana.

³ Cadência percussiva da música do afoxé.

* Historiadora.

Conforme Olga Cacciatore,⁴ afoxé é uma festa realizada como uma obrigação pelos integrantes do candomblé e, talvez, influenciada pelas festas de Coroação dos Reis do Congo, chamadas de congadas.⁵ Revela ainda que seus cantos eram em yorubá, mas que o entrelaçamento das línguas no Brasil foi notado, também, nos cânticos entoados nos afoxés.

Na concepção de Nina Rodrigues, o Desfile de Afoxés é a reprodução da “África inculta que veio escravizada para o Brasil”⁷, ligada às práticas mágico-religiosas africanas, às quais chama de fetichistas⁸. Nina utiliza o termo afoxé, depreciativamente, para denominar “candomblé de qualidade inferior.”⁹

Como testemunha ocular das festas carnavalescas da Bahia e influenciado pelo cientificismo da época, Nina Rodrigues supervaloriza o desfile da Embaixada Africana, ao tempo que vê nos Pândegos da África a exibição de uma imagem inadequada para a Bahia que pretendia “civilizar-se”.

Sobre o desfile dos Pândegos da África, Nina registrou:

O sucesso desse clube foi enorme. Vimos compacta multidão de negros e mestiços que a ele, podemos dizer, haviam se incorporado e que o acompanhavam cantando as cantigas africanas, sapateando as suas danças e vitoriando os seus ídolos ou santos que lhes eram mostrados do carro do feitiço. Dir-se-ia um candomblé colossal a perambular pelas ruas da cidade. E, de feito, os negros fetichistas vingavam-se assim das impertinências intermitentes da população, exibindo em público a sua festa.¹⁰

Nina atribui aos integrantes da Embaixada Africana um valor superior, caráter

⁴ CACCIATORE, Olga Gudolle. Dicionário de Cultos Afro Brasileiros. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 3ª ed. Revista, 1988, p. 40-41.

⁵ Festa religiosa negra, que consistia em coroar reis negros, ocorrida normalmente nas irmandades, mas também nos engenhos, fruto de negociações entre senhores e escravos. MELLO E SOUZA, Marina de. Reis negros no Brasil escravista: História da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 2002. Ver também MORAIS FILHO, Mello. A Coroação de um Rei Negro em 174. In: Festas e Tradições Populares do Brasil. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002, p. 279-284; RAMOS, Arthur. O folclore negro do Brasil. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil. 2ª ed., p. 85.

⁶ CACCIATORE, Op. Cit., p. 40-41; ver também CASCUDO, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 5 ed., 1984, p. 18.

⁷ RAMOS, Arthur. Op. Cit.; RODRIGUES, Raymundo Nina. “Sobrevivências totêmicas: festas populares e folclore”. In: Os africanos no Brasil. São Paulo: Madras, 2008, p.163. Diz que “os negros fetichistas vingavam-se assim das impertinências intermitentes da população, exibindo em público a sua festa”.

⁸ RODRIGUES, Raymundo Nina. O Animismo Fetichista, 1935.

⁹ CARNEIRO, Edison. Candomblés na Bahia, 1948, p. 115-116.

¹⁰ RODRIGUES, Op. Cit., 2008, p. 163.

que lhes faziam pertencer a “um ramo secundário da raça branca”¹¹. Peter Fry analisando as descrições de Nina Rodrigues quanto ao desfile dos clubes africanos e comparando-os aos afoxés (chamados, também, de batuques), diz serem aqueles formados por “negros de alma branca”. Destaca, todavia, que tanto os clubes quanto os outros préstitos africanos não se diferenciavam na composição do desfile, exceto pela temática retratada.¹² Nessa linha de comparações, Raphael Vieira Filho considera anacrônico associar os clubes uniformizados negros aos afoxés, por utilizarem elementos comuns aos grandes clubes brancos da época e compor seus desfiles a partir de padrões de organização europeus.¹³

Tendo em vista que essas comparações relacionadas à melhor adequação ou não ao carnaval oficial são reducionistas, entende-se que é viável pensá-los como representações do mesmo contexto sócio-cultural. Por isso, associar as expressões africanas no carnaval, clubes e afoxés, no sentido que estavam ligados a um bojo identitário comum, utilizando diferenciados mecanismos de subversão e questionando o lugar marginal que lhes cabia socialmente, é a forma que melhor alcança o período histórico ao qual estavam inseridos.¹⁴ Os clubes africanos, nesse sentido, não passavam de afoxés oficializados que, utilizando estratégias e aproveitando as “brechas”¹⁵ sociais emergidas no pós-abolição, conseguiram aceitação a ponto de serem prestigiados e elogiados amplamente pela elite e imprensa da época.

A formação original do afoxé era a seguinte: arautos (músicos anunciadores), guarda branca, rei, rainha, Babalotin, estandarte do afoxé (normalmente bordado a fios de ouro), guarda de honra, e charanga (músicos que tocavam atabaques,

¹¹ ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. Esperanças de Boaventuras: Construções da África e Africanismos na Bahia (1887-1910). Revista Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, nº 2, 2002, p.229.

¹² FRY, Peter. Negros e brancos no Carnaval da Velha República. In: REIS, João José (Org.). Invenção da Liberdade: Estudos sobre o negro no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 250-251

¹³ VIEIRA FILHO, Raphael. Folguedos Negros no carnaval de Salvador (1180-1930). In: SANSONE, Livio; SANTOS, Jocélio Teles dos (Orgs.). Ritmos em trânsito: socio-anthropologia da música baiana. São Paulo: Dynamis Editorial; Salvador, Bahia: Programa A Cor da Bahia e Projeto S.A.M.B.A., 1997, p. 55.

¹⁴ ALBUQUERQUE, Op. Cit., 2002, p.220. Importante atentar para o fato que nesse período os foliões africanos já não eram escravos, mas libertos, e por isso tiveram que utilizar mecanismos diversos para participar da festa carnavalesca numa sociedade que não deixava de rotulá-los, tais como a subversão, a clandestinidade, e a forjada “adequação”.

¹⁵ Este termo foi amplamente utilizado por João José Reis, para conceituar as aberturas do sistema escravista frente às estratégias de negociação dos escravos. REIS, João José; SILVA, Eduardo. Negociação e Conflito: A resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

agogôs, xequerês e afoxês¹⁶).¹⁷ Todos os integrantes vestiam trajes principescos. Seguido do arauto, um carro chefe, puxado por cavalos, exibia a cavalaria ladeada por lanceiros. Pela semelhança descritiva, possivelmente esse carro seja o mesmo que Nina Rodrigues chamou de “carro do feitiço”. Esta estrutura foi modificada, ganhando alas e novos personagens¹⁸, ao tempo que as representações da África foram recriadas no Brasil.

As observações de Manuel Querino¹⁹ sobre a exuberância do desfile dos Pândegos da África no carnaval, apontam que houve, em 1897, a reprodução da festa que era realizada no mês de janeiro em Lagos, na Nigéria, chamada de Domurixá²⁰, ou seja, festa da rainha.

Eis a descrição da festa:

O préstito fora assim organizado: na frente iam dois príncipes bem trajados; após estes a guarda de honra, uniformizada em estilo mouro. Seguiu-se o carro conduzindo o rei, ladeado por raparigas virgens e duas estatuetas alegóricas. Logo depois via-se o adivinhador à frente da charanga, composta de todos os instrumentos usados pelo fetichismo; sendo que os tocadores uniformizados à moda indígena, usavam grande avental sobre calção curto. O acompanhamento era enorme; as africanas, principalmente tomadas de verdadeiro entusiasmo, cantavam, dançavam e tocavam durante todo o trajeto, numa alegria indescritível.²¹

Esses clubes – Embaixada Africana e Pândegos da África – que aqui são considerados como afoxés, possuíam uma organização diferenciada, tidos à sua época como “mais inteligentes ou melhor adaptados”²² à civilização. Estes

¹⁶ Afoxê era um instrumento musical utilizado nos cultos afro-brasileiros, uma espécie de cabaça, conhecido também como piano-de cúia, e ágüê, e também utilizado pela charanga de músicos no Desfile de Afoxés. Sua forma física é constituída por uma cabaça coberta por uma rede com contas, seu ritmo vem do ato de agitar ou friccionar a rede no corpo da cabaça. Este instrumento não se restringe ao cortejo de afoxés, mas são encontrados também em sambas-de-rodas, rodas-de-capoeiras e candomblés.

¹⁷ CARNEIRO, Édison. Folguedos Tradicionais. Rio de Janeiro: Funarte/INF, 2ª Ed., 1982, p. 102.

¹⁸ Alguns elementos deixaram de fazer parte dos afoxés, a exemplo da representação de reis e rainhas, e sua coroação; a fanfarra que anunciava a passagem do préstito, contendo instrumentos como trombetas, trompetes e clarins. Outros elementos surgiram como as alas representando os orixás, com características próprias das divindades, baianas, e caboclos; padronização da vestimenta para algumas alas, chamada de abada, além de traços ritualísticos realizados, que na segunda metade do século XX, também perdeu significações entre alguns afoxés.

¹⁹ Em 1900 Manuel Querino foi o presidente do clube Pândegos da África, segundo Jornal A Coisa 08/04/1900, ano III, nº 134, que mostra seus dirigentes divididos em Assembléia Geral, Conselho Diretório e Conselho Fiscal.

²⁰ QUERINO, Manuel. A raça africana e os seus costumes na Bahia. Ed. P 555/Teatro XVIII. Coleção A/C/Brasil, p. 75.

²¹ QUERINO, Manuel. Op. Cit.

²² RODRIGUES, Op. Cit., 2008, p. 163, FRY, Op. Cit., 1988, chama a atenção para as análises dos jornais da época que vêem “capricho” e “bom comportamento” nos clubes negros na Bahia.

caracteres lhes estabeleciam certos prestígios diante dos cordões chamados de afoxés. Provavelmente, seja este o motivo pelo qual eram amplamente destacados pela imprensa baiana.

No entanto, tais entidades carnavalescas compartilhavam os elementos que compõem o cortejo e realizavam os mesmos princípios ritualísticos dos afoxés na época. Este fato leva a entender que a aceitação desses clubes africanos está relacionada às formas de negociação ou mesmo de adequação aos parâmetros do carnaval oficial. Além do mais, a atuação política, em partidos e entidades de auxílio fraterno, o grau de instrução e as posses dos dirigentes desses clubes lhes estabeleciam requisitos para fundar e dirigir entidades carnavalescas.²³

As festas carnavalescas da Bahia reduzem-se ultimamente quase que a clubes africanos organizados por alguns africanos, negros crioulos e mestiços. Nos últimos anos, os clubes mais ricos e importantes têm sido A Embaixada Africana e os Pândegos da África. Mas, além de pequenos clubes como A Chegada Africana, os Filhos da África, etc., são incontáveis os grupos africanos anônimos e os máscaras negras isolados.²⁴

Em 1902, os afoxés pediram licença à Prefeitura de Salvador para desfilarem, o que lhes fora negado e debatido intensamente na imprensa. Esta informação confirma a idéia de que, até então, os afoxés resistiam ao carnaval oficial, o que faz pensar na existência de um debate político e racial de disputa por espaço entre as elites brancas e os negros libertos. Além disso, o pedido de autorização para desfilar aponta duas outras informações: a primeira, que eram marginalizados e que resistiam²⁵; e a segunda, que tentaram trilhar o mesmo caminho dos “clubes africanos”, quando entenderam que negociar o espaço não significava incorporar padrões do “carnaval branco”, ou ainda, modificar as tradições festivas do afoxê.

²³ Manuel Querino, por exemplo, participou ativamente de diversas instituições na Bahia, prerrogativas pontuais para reunir aliados políticos, entre elas: membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (em 1920-21 fez parte da mesa administrativa), Sociedade do Monte Pio dos Artistas, Liceu de Artes e Ofícios, Sociedade Protetora dos Desvalidos, Sociedade Beneficente Auxílio Fraterno (presidente em 1898), Colégio dos Órfãos de São Joaquim (1895 foi professor de desenho), Liga Operária Bahiana, fundador do Partido Operário em 1890, Vereador (1891-1892, 1897-1899). Ver NASCIMENTO, Jaime; GAMA, Hugo (Orgs.). Manuel R. Querino: Seus Artigos na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Salvador: IGHB, 2009.

²⁴ RODRIGUES, Op. Cit., 2008, p. 163.

²⁵ Observando o levantamento dos afoxés fundadores, podemos acompanhar os novos afoxés que surgiam mesmo na “clandestinidade”, muitos dos quais não temos muitas informações, sobre inúmeros outros não sabemos se eram afoxés, cordões, ranchos ou clubes.

A nossa policia não se dignou ainda providenciar para que nas próximas festas carnavalescas a Bahia não offereça o triste espectáculo de outros annos (...) e si por acaso tivermos a felicidade de, ao noticiarmos as festas de domingo e terça-feira, registrar a ausência dessa vergonha para esta terra, só teremos que agradecer ao povo, que, compreendendo o nosso esforço e a nossa posição, abandonou a ideia desses candomblés e entregou-se sob outro aspecto mais digno as diversões de Momo que não conhece hierarchias nem tristezas.²⁶

Em 1906, foram publicadas medidas que podem ser entendidas como resposta aos pedidos de desfile pelos afoxés, conforme noticiou o jornal A Bahia: “Ao Sr. dr. Madureira de Pinho foram requisitadas diversas licenças para exhibição de clubs carnavalescos”.²⁷

De ordem do Sr. dr. chefe de policia e segurança publica, e , para conhecimento de todos, faz-se sciente que nenhum club poderá apresentar-se nas ruas da capital sem approvação das respectivas criticas pela policia, e bem assim que não será absolutamente permittido:

- 1, a exhibição de clubs de costumes africanos, candomblés;
- 2, a exhibição de criticas offensivas a personalidades e corporações;
- 3, o uso de mascaras depois de 6 horas da tarde, excepto nos bailes até meia noite.²⁸

É de fundamental importância analisar o contexto histórico aos quais esses clubes e afoxés estavam inseridos para entender a dinâmica carnavalesca, a origem dos clubes negros, as formas de resistência e manutenção das tradições festivas negras dos afoxés.

A instalação da República, em 1889, e o percurso que perdurou até 1912 (podemos chamar aqui de 1ª fase da República), fazem repensar a instabilidade da Bahia neste cenário, onde o tradicional e o novo faziam parte do mesmo processo de transição. A sociedade senhorial projetou, nessa fase, fortes traços excludentes que não se apagaram com a instalação da República, haja vista a persistência das demarcações e categorizações sociais. A herança colonial não se apagou fugazmente, mas persistira de formas diferentes, convivendo ou mesmo dialogando na trajetória republicana.²⁹

²⁶ Jornal de Notícias, 07/02/1902.

²⁷ Jornal A Bahia, 16/02/1906.

²⁸ Jornal A Bahia, 16/02/1906.

²⁹ NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República. O Brasil na vida do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente da Revolução de 1930. Rio de Janeiro, 2003.

Características da sociedade senhorial, excludente e hierarquizada, perduraram fortemente na Bahia, demonstrando que a instauração do Novo Regime não estava delineada de forma nítida, até que o projeto modernizador de José Joaquim Seabra (1912-1916) trouxe novas perspectivas urbanas e civilistas para o Estado. Numa sociedade paternalista, as formas de entretenimento estavam necessariamente vinculadas às comemorações familiares, ou ainda, na forma de festas públicas, tal como o carnaval. Essas últimas sob o controle do Estado ou da Igreja. As festas possibilitavam a exaltação de prestígio e de status, já que as posições sociais eram elucidadas pela ostentação ao luxo.

Durante a escravidão, a proibição aos negros quanto à realização dos folguedos nos engenhos da Bahia não impedia que, após o trabalho, as formas de entretenimento acontecessem. Nas cidades, esse padrão não fugia à regra: os escravos deveriam trabalhar deixando o ócio e as festividades aos homens de prestígio social. A partir desse pressuposto pode-se entender que “[...] A Monarquia continua viva na República, através da atuação e do comportamento dos seus homens”³⁰, pela reminiscência senhorial que sublevava a discrepância social existente entre as categorias – senhor e liberto. Não se pode, contudo, perder de vista que a Abolição se deu apenas um ano antes da “improvisação” de República, fato que leva a pensar numa sociedade que continuava a delinear os papéis e locais sociais.

O carnaval propriamente dito só irá se instalar na Bahia às vésperas da República, em 1884. Até então, nos dias precedentes à quaresma, se festejava o entrudo português, que aportou nas terras da Bahia por volta da primeira metade do século XVII. As multas e outras penalidades aos festejos do entrudo perduraram à medida que incentivos ao carnaval civilizado foram implantados pela sociedade civil, tais como a distribuição de máscaras gratuitas, usadas sobre a fiscalização da policia. Era importante deixar o “zé-povinho” brincar nas ruas, não importando as “famílias de reputação”, que nos bailes e clubes disputavam roupas e jóias importadas, além da atenção de pessoas de prestígio.

³⁰ SAMPAIO, Consuelo Novais. Estrutura econômica e ordem político-social. In: Os partidos políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação. Editora da UFBA, 1998, p.28.

LEITE, Rinaldo. E a Bahia civiliza-se: ideais de civilização e cenas de anticivilidade em um contexto de modernização urbana, Salvador, 1912-1916. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996, p. 111.

Foi pensando em civilizar os costumes e as gentes da cidade que muitas das práticas populares e muitos dos usos que se faziam da rua, para o lazer ou para o trabalho, passaram a sofrer censuras e a conhecer formas de controle. Assim, a moralização e a reeducação das classes populares seriam defendidas com veemência, tendo por base os pressupostos idealizados pelas elites para a sociedade brasileira.³¹

Desta forma, surgem os grandes bailes carnavalescos da Bahia, promovidos pelo “Teatro São João” e “Politeama”, pelos clubes “Cruz Vermelha”, “Fantoche da Euterpe” e “Inocentes do Progresso”, entre os anos de 1880 e 1890, locais onde brancos e crioulos exaltavam o luxo. Os espaços dos clubes não estavam ao alcance de todos, por isso as ruas continuaram a ser freqüentadas pela população negra, que mantinha práticas tidas por primitivas, exteriorizando, através dessas, seus problemas sociais pungentes.

O carnaval português se instalou na Bahia com o objetivo de polir as manifestações populares, tentando abafar os gritos e rumores negros que, portando águas e farinhas, travavam nas ruas verdadeiras batalhas, protestando por reconhecimento e igualdade. Será num contexto de demarcação social e políticas civilistas que os negros serão “incluídos” nos festejos carnavalescos, brechas que não apagam a divisão espacial e afirmação do poder, presentes desde a sociedade colonial, entre os que assistiam e os que participavam das festas na Bahia.

Nos jornais, a preocupação com os maus princípios de moral do povo revela discursos que têm como objetivo impedir qualquer prática de lembrança ao entrudo. Com a República, fez-se necessário afastar este costume festivo em nome das idéias de civilidade e progresso.

Todavia, Hildegardes Vianna diz que o “caráter maléfico do entrudo” está justamente por ser predominantemente festejado por negros, cujos gritos exprimiam subversão³². Nesse contexto, pode-se dizer que a aceitação dos clubes negros se deve aos direcionamentos políticos quanto às formas de se festejar, já que após o afrancesamento do carnaval, os afoxés se tornaram para o “sonho civilizacional

³¹ VIANNA, Hildegardes. “Do entrudo ao carnaval na Bahia”. Revista Brasileira de Folclore, n°13, set-dez, 1965, p.285.

³² VIANNA, Hildegardes. “Do entrudo ao carnaval na Bahia”. Revista Brasileira de Folclore, n°13, set-dez, 1965, p.285.

elitista” o equivalente ao entrudo³³. Todas as práticas culturais africanas, consideradas “africanismos”, recebiam o estigma de perigosas e, por isso, proibidas, já que ainda nesse período imperava o medo da junção de força do povo negro, formada nesses espaços sociais.³⁴

(...) os cordões eram implacáveis na crítica social. Era comum ver seus foliões usando paletós às avessas e perucas cacheadas, enquanto riam dos hábitos e trejeitos das elites. Tudo isso ao som dos mesmos tambores que davam o ritmo aos rituais do candomblé àquela altura, condenados em todo canto do país.³⁵

João José Reis trabalha com dois conceitos que se aplicam ao contexto carnavalesco da Bahia: negociação e conflito³⁶. Dentro dessa ótica, a trajetória dos afoxés perpassa pelas múltiplas formas de negociação diante das malhas elitistas carnavalescas. A Embaixada Africana e os Pândegos da África souberam se adequar aos parâmetros carnavalescos, reproduzindo um “carnaval majestoso”, sem se afastar das raízes africanas. De acordo com Reis, o embate não foi o único método utilizado pelos negros, mas, paralelamente, aprenderam a arte da negociação a partir das experiências vivenciadas. Assim foi, também, no plano cultural: negociar e resistir eram ações freqüentes e complementares entre os hábeis negros que souberam, dentro dos limites do pós-abolição, aproveitar as brechas sociais emergidas dos cotidianos conflitos, a exemplo, na formação dos primeiros afoxés.

Analisando os problemas sociais que tanto afligiam a população da Cidade do Salvador, os de ordem urbanística eram os mais alarmantes, frutos do “atraso” que a República tentou sanar. Contudo, na sua primeira fase, não foram encontradas políticas efetivas que solucionassem os problemas, envolvendo saneamento básico, coleta de lixo, abastecimento de água, serviços de esgoto e outros de ordem higiênica. Entretanto, as bases senhoriais eram fortes o bastante para assegurar os interesses pessoais dos grupos oligárquicos.

³³ RISÉRIO, Antônio. Carnaval as cores da mudança. Revista Afro-Ásia. Salvador: UFBA, n. 16, 1995, p. 92.

³⁴ ALBUQUERQUE, Op. Cit., 2002, p.220; 237.

³⁵ ALBUQUERQUE, Wlamyra R. & FRAGA FILHO, Walter. Uma História do Negro no Brasil. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p. 234.

³⁶ REIS; SILVA, Op. Cit., 1989.

(...) mascara-se para divertir-se, esquecer durante os tres dias as misérias da vida, a política que enxovalha, o aluguel exorbitante das casas, as explorações incendiarias dos ambiciosos de poder, o pão microscopico de 40 rs. (...) o leite falsificado com água e gomma, as bocas de lobo que vomitam a morte por toda a parte, as intrigas dos bons amigos estrangeiros, os bondes impossiveis, o amontoamento de lixo por toda a parte, a falta de hygiene, a varíola e os cortiços, que se multiplicam dia a dia, sob a capa de construções de pobreza.³⁷

O incentivo aos bailes nos espaços privados situava-se na nova reorientação do espaço urbano. Dessa forma, era necessário regular o espaço, mudar hábitos e moralizar os costumes³⁸. O carnaval demarcou espacialmente as camadas sociais, colocando em confronto os afoxés³⁹ e as entidades carnavalescas, bem como a musicalidade negra, chamada pejorativamente de batucada, e as marchinhas, sambas, maxixes e valsas, dividindo, assim, brancos e negros numa órbita conflituosa.

Para civilizar a cidade e os costumes seria imprescindível desafricanizar os hábitos, como forma de combater as tradições africanas, marcas do passado colonial, que não entrava em sintonia com o modelo europeu. Não podemos esquecer que estes ex-escravizados foram no pós-abolição largados ao próprio destino. Para a sociedade da época, os negros, suas práticas e costumes, fossem festivos ou sociais, estavam associados às idéias de pobreza, imoralidade, insalubridade e subversão.

Velhas tradições ou costumes africanizados – o entrudo, a capoeira, os sambas, as festas de largo, o candomblé, os presentes para a mãe d'água, a venda de comidas nas ruas -, aos olhos dos reformadores, tudo o que contribuía, enfim, para “macular” a nossa “civilidade” e manter a cidade do Salvador semelhante a uma vila do interior da África deveria sofrer intervenção.⁴⁰

A decadência do poder senhorial na Bahia se deu de fato com J. J. Seabra, através

³⁷ Jornal de Notícias da Bahia, 19/02/1898.

³⁸ FERNANDES, Ana; GOMES, Aurélio de Filgueiras. Idealizações urbanas e a construção da Salvador moderna: 1850-1920. In: Cidade & História (Org.). Salvador: Faculdade de Arquitetura/ ANPUR, 1992, p. 53-68.

³⁹ Dá-se em 1895 a formação do primeiro afoxé na Bahia “Embaixada Africana”; 1896 a formação do “Pândegos da África”, que desfilavam pela Baixa dos Sapateiros, Taboão, Barroquinha e Pelourinho trajando roupas e adornos africanos.

⁴⁰ FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. “Fazendo fita”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: EDUFBA, 2002, p.36.

de uma política que tentou acabar com os vícios sociais e culturais, que impediam a instauração do desejado “progresso”. A modernização urbanística foi conseqüência desse cenário, juntamente com os ideais civilistas que já estavam em voga na Bahia, desde o século XIX, através das críticas feitas pela elite intelectual aos costumes “primitivos” carnavalescos.

Originalmente, o afoxé, na sua ampla dimensão, esteve ligado à matriz religiosa do candomblé. A religião africana conseguiu se perpetuar, notadamente, através da diáspora e sob essa evidência devem-se considerar alguns fatores: a oralidade, a memória, a musicalidade, os rituais, as línguas, a influência católica representada nas congadas, a formação das irmandades e, finalmente, a fundação dos terreiros de candomblé. O afoxé, portanto, está representado através do forte traço religioso, fator este que o manteve vivo diante das disputas pelos espaços carnavalescos.

Foi chamado de “candomblé de rua” ou, ainda, “candomblé colossal a perambular pelas ruas da cidade”⁴¹, porque estava intrinsecamente ligado às raízes africanas e aos terreiros de candomblé. As dimensões religiosas do afoxé estão refletidas desde as cores das suas roupas que, normalmente, remetiam às cores dos orixás, à divindade que orienta seus cantos, às danças, e aos instrumentos utilizados. Dessa forma, as músicas puxadas no cortejo carnavalesco dos afoxés são aquelas em louvor à divindade que rege e protege a congregação.

Como uma extensão sócio-espacial do terreiro, o afoxé manteve, por longos anos, suas bases hierárquicas, através da valorização dos saberes e práticas africanas enraizadas na cultura afro-brasileira. Sendo assim, “O afoxé é uma extensão do terreiro. Normalmente, quem está ali é a comunidade das casas religiosas para brincar em conjunto”⁴². Tradicionalmente, os cargos de prestígio dentro dos afoxés eram ocupados por aqueles que conheciam os rituais do candomblé e este vínculo, também, era uma condição primordial para se associar.

Importante notar que “A riqueza dos cortejos e os variados personagens e a fidedignidade às tradições africanas norteavam os afoxés nos fins do século XIX

⁴¹ RODRIGUES, Op. Cit., 2008, p. 169.

⁴² SODRÉ, Jaime. Jornal Irohin, 27/01/2008.

e primeiras décadas do século XX”⁴³. A ligação candomblé-afoxé perpassa, fundamentalmente, pela dimensão religiosa. Sob este viés, o membro fundador ou mesmo seu presidente eram, normalmente, Babalorixás ou Ogãs do terreiro ao qual o afoxé estava vinculado. As mulheres, usualmente, eram Yalorixás e Equedes, embora, dificilmente, ocupassem postos dirigentes. No entanto, poderiam exercer cargos gerenciais nas atividades recreativas e culturais promovidas pelos afoxés.

Durante a preparação para saída do afoxé ocorria um ritual religioso em louvor ao orixá Exu – o que ainda se pratica na maioria dos afoxés –, tal qual nos terreiros de candomblés, chamado “Padê de Exu”. Esse ritual é realizado, primeiramente, no salão, na sede do afoxé e só depois que os integrantes dançam e cantam para Exu em torno do padê⁴⁴, este pode ser levado à rua. A cerimônia é realizada todos os dias antes do afoxé desfilar, corresponde ao ato de despachar Exu, ou seja, pedir licença, através de saudações, àquele que governa os caminhos.

(...) colocando-o na rua para não atrapalhar o bom desenrolar das atividades e ao mesmo tempo utilizando essa divindade como guardiã e protetora do afoxé, evitando brigas ou quaisquer outros problemas. (...) O padê geralmente é feito acrescentando uma garrafa de otim⁴⁵. A complementação é feita assoprando a pamba⁴⁶ nos cantos do salão e sobre as pessoas que constituem o afoxé. Em certos casos nos dias de carnaval, pólvora é queimada durante os momentos que constituem o padê.⁴⁷

Outro elemento que se fazia presente entre os afoxés fundadores era o Babalotin. Um boneco de madeira pintado de preto que trazia na face a marca nagô: três cortes profundos e paralelos. Possuía articulações nos braços e nas pernas e era levado nos desfiles por uma criança do sexo masculino. Representando uma divindade auxiliar, com poderes mágicos, o Babalotin tinha função de unir os componentes do afoxé em torno de uma força primordial. No seu interior eram colocados elementos preparados no terreiro ao qual o respectivo afoxé estava ligado, local onde, também, eram realizadas cerimônias para o Babalotin, como sacrifícios de animais.

⁴³ LODY, Raul. O povo de santo: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 2006, p. 199.

⁴⁴ Oferenda para Exu composta por farofa amarela, farofa branca, quartinha com água e cachaça.

⁴⁵ CASTRO, Yeda Pessoa de Castro. Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda. 2ª ed., 2005, p. 310, “marafo”, “malafo”, “bebida votiva de Exu”, o mesmo que cachaça.

⁴⁶ CASTRO, Op. Cit., 2005, p. 315, “Caulim reduzido a pó, de largo uso ritualístico”.

⁴⁷ LODY, Raul. Afoxé. Revista de Folclore, n.7, p.9-10.

Um dos motivos para diversos estudiosos relacionarem os afoxés ao maracatu é a semelhança entre o Babalotin e a Calunga, não apenas por sua concepção física, mas também ritualística⁴⁸. Carregada por uma mulher, a calunga representa a força mágica do maracatu, contém no seu interior objetos sagrados. Ambos ocupam a mesma posição, abrindo o desfile logo após o estandarte de apresentação do grupo.

Cada integrante possuía um papel específico dentro da hierarquia funcional do afoxé: dirigentes, instrumentistas, porta-estandarte, abre-alas e diretor de canto. Para ocupá-los, seus componentes deveriam conhecer os fundamentos religiosos. Os integrantes do afoxé também passavam por uma preparação de mútua cooperação – “integração total”⁴⁹ – para composição do cortejo.

Durante a entoação dos cânticos no desfile acontecia a saudação às divindades, obedecendo, normalmente, a seguinte ordem: Exu, Ogum, Ossãin, Oxossi, Logum Edê, Obaluaê, Iansã, Nanã, Iemanjá, Oxum, Obá, Oxumaré, Oxalá, Xangô, e depois, cantos do Congo e de caboclos⁵⁰. Depois, entoam cantos em saudação às baianas, ao Rei e à Rainha e, por último, à Babalotin, quem recebia as principais honras.

Para Exu, os Filhos dos Congos cantavam:

Exu-tá miloré	
Exu-ganrá logo	(Respondem ao som de palmas:
Exu-tá miloré	Exu-tá miloré)

Exu aná	
Môxiré lôdê	
Elêbará	
Emin-é-è	(Respondem ao som de palmas:
Exu aná	Exu-tá miloré)
Kêuaô	

Exu-tá miloré	
Exu-ganrá logo	(Respondem ao som de palmas:
Exu-tá miloré ⁵¹	Exu-tá miloré)

⁴⁸ CACCIATORE, Op. Cit., p. 40-41; LODY, Afoxé, p. 10.

⁴⁹ SODRÉ, Jaime. Jornal Irohin, 27/01/2008.

⁵⁰ TAVARES, Cláudio Tuiuti. In: Afoche’ – Ritmo Bárbaro da Bahia, Revista O Cruzeiro, 29/05/1948, p. 74.

⁵¹ TAVARES, Op. Cit., 1948, p. 66.

Para Babalotin cantavam:

Babalôtin
Babalótan
Babaloté
Iakêjô⁵²

As músicas dos afoxés se apóiam nos rituais gexá⁵³ e nos da própria manifestação. Cada instrumento musical desempenha seus ritmos, os quais, conjuntamente, compõem “batidas cadenciadas e repetidas que caracterizam os toques Gexá”⁵⁴. O ritmo dos afoxés se apresenta como rito, conduzindo o cortejo⁵⁵. Sobre os instrumentos que compõem a charanga, destacam-se: afoxês, atabaques, ilus (atabaques menores, originários da terra de Gexá), xequerês e agogôs (composto por duas campânulas de metal), que dá a fórmula básica, seguida pelos outros instrumentos, à rítmica do afoxé.

Sobre a íntima relação terreiro-afoxé tem-se, por exemplo, o Pae Burukô, fundado em 1935. Nasce da brincadeira de crianças no Ilê Axé Opô Afonjá, no bairro de São Gonçalo do Retiro, em torno de um toco de araçazeiro, o qual lembrava a forma humana. Esta brincadeira gerou um culto e, naquele mesmo ano, os meninos do terreiro organizaram uma cerimônia para Abe⁵⁶, representado pelo toco. Reprendidos por Mãe Aninha por estarem brincando com tal entidade, o venerado toco passou a ser chamado Burukô, que logo ganhou um boneco de madeira, depois, estandarte do afoxé⁵⁷.

Em 1942, os fundadores, já rapazes⁵⁸, objetivando brincar o carnaval, organizaram o afoxé, “Troça Carnavalesca Pae Burukô”:

[...] conseguiram reunir uns trinta sócios e com eles organizaram a “Troça do Pai Burukô”, elegendo uma diretoria assim constituída: um presidente, um vice-presidente, um secretário, um tesoureiro, um cobrador, dois porta-estandartes,

⁵² TAVARES, Op. Cit., 1948, p. 74.

⁵³ Ver referência Lody, p. 6. Rituais realizados na terra de Gexá, reino de Olorum, onde as mulheres percorriam as ruas, como em cortejo, tocando pequenos ilus presos no pescoço. Os mesmos instrumentos são encontrados nos cortejos de afoxés, os quais seriam sobrevivências das festas de Oxun na terra de Gexá.

⁵⁴ LODY, Raul. Afoxé. Revista de Folclore, n.7, p.17.

⁵⁵ SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

⁵⁶ O mesmo que Ossain, dono das ervas.

⁵⁷ SANTOS, Deoscóredes Maximiliano dos. História de um terreiro nagô: crônica histórica. São Paulo: Carthago & Forte, 1994, p. 81.

⁵⁸ Ver levantamento dos afoxés fundadores.

dois diretores de cânticos, seis fiscais, um feiticeiro que saía com o boneco, dois tocadores de atabaques para Ijexá, dois tocadores de xekêré (cabaça), seis tocadores de surdo, dois tocadores de agogô, quatro tocadores de tamborim e mais três pessoas para controlar a corda isolante⁵⁹.

Visitando as casas de pessoas conhecidas, o afoxé percorria as imediações do terreiro em São Gonçalo do Retiro. Durante a sua passagem, era festejado com honrarias. A identificação com a cerimônia à Burukô expandia os limites da roça tendo em vista que, além das contribuições mensais dos sócios, a vizinhança também colaborava financeiramente, conforme entradas registradas no Livro de Ouro.

O Desfile de afoxés incorporou diversos elementos das festas negras e, dessa forma, ao longo de sua trajetória, foram resignificados, tal como os “afoxés de caboclos” de raízes indígenas que realizavam, todavia, os mesmos rituais africanos. Os afoxés indígenas podem ser entendidos como expressão dos ideais nacionalistas, que se tornaram mais fortes na década de 30 do século XX, com o projeto de construção da nacionalidade brasileira pelo Estado Novo. Estes foliões, vestidos e caracterizados de indígenas, representavam o entrelaçamento e atualização cultural nas alas de “caboclo” dos afoxés existentes, outros formaram organizações independentes, sem desprezar, contudo as tradições originais africanas dos afoxés.

O afoxé Filhos de Gandhi serve de exemplo para o vislumbre das permanências e rupturas dos significados simbólicos dos afoxés. Fundado em 1949, por estivadores, o Gandhi utilizou como mote a representação de paz do líder indiano Mahatma Gandhi. Além de utilizar todo o aparato ritualístico, performático e instrumental dos afoxés e ter como patrono uma divindade do candomblé, Oxalá, inseriram outros elementos que se tornaram marcas características do afoxé: o camelo como alegoria, perfume de alfazema, veste e turbante brancos, colar nas cores azul e branco e a representação do líder no desfile. Sendo assim, ao desfilar, os afoxés exibem mais que marcas culturais e históricas, afirmam e fazem entender suas concepções políticas e ideológicas.

Pode-se afirmar que o espaço do carnaval na Bahia, sempre, foi marcado por zo-

SANTOS, Op. Cit., p. 81.

nas de tensão e conflito, tão logo os grandes clubes carnavalescos se afirmaram nos espaços fechados, desenhando um cenário de disputas políticas, de valores e de identidades. Reis, rainhas e toda uma corte africana desfilavam durante o carnaval pelas ruas da Cidade do Salvador, em fins do século XIX, representando e exaltando as marcas culturais africanas, tradição esta que se perpetuou através dos séculos seguintes. O afoxé pode ser considerado uma marca sócio-cultural do negro na Bahia e fruto de uma herança cultural dinâmica, em permanente processo de transformação e resignificação.

A coleta de dados tentou dar evidência aos afoxés fundadores, mostrando sua existência e restaurando o fardo do passado, cujas atuações foram ocultadas pela imprensa. Nessa busca, inúmeros afoxés foram encontrados, mas, infelizmente, na grande maioria dos casos, só se tem informações sobre seus nomes: Nagôs em Folia, Lembranças da África, Mercadores de Bagdá, Cavalheiros de Bagdá, Filhos de Obá, Filhos de Odé, Chegada Africana, Ideal Africano. Ao lado de outros, alguns anônimos⁶⁰, esses afoxés foram marginalizados da cena carnavalesca oficial, mas não silenciados. Os tambores, afoxês, músicas, ritmos, línguas, danças, rituais e religiosidade africana ecoavam durante os dias de carnaval na Bahia, para alegria de muitos e críticas de outros.

Partindo dos dados constituintes da tabela a seguir, outros trabalhos que dêem visibilidade a esses afoxés poderão ser realizados. Visto que no campo historiográfico, a partir de dados básicos, indícios e evidências como os aqui levantados, pode-se encontrar outras fontes, inclusive, vasto material para se traçar a história de vida de muitos dos fundadores de afoxés e a trajetória dos mesmos no cenário carnavalesco baiano. Assim sendo, propõe-se construir uma história mais democrática, que dê nome e voz aos afoxés, ressaltando suas raízes históricas, mostrando seus traços identitários, minimizando os silêncios e, acima de tudo, demonstrando as permanências simbólicas da África na Bahia.

⁶⁰ Atentar para o fato que diversos afoxés saíam nos seus próprios bairros, brincando e se divertindo com a população local, por isso, foram desconhecidos ao olhar da imprensa. Os afoxés que seguiam rumo ao circuito oficial da festa, normalmente, saíam da sua sede, passando pela Barroquinha e Carlos Gomes.

AFOXÉS FUNDADORES

AFOXÉ	DESFILE	FUNDADOR(ES)	SEDE
Embaixada Africana	1895	Marcos Carpinteiro (axogum)	Engenho Velho de Brotas (Tororó)
Pândegos da África	1896 -1899 1929 - ?	Bibiano Cupim (açougueiro e banqueiro de bicho)	Laranjeiras (Lapinha)
Império da África	07/11/1898 - ?	Barão do Triunfo, Helio Ângelo Costa, Antonio Gregório de Matos (ex-escravos)	Rua Direita de Santo Antonio
Filhos de África	<i>Entre 1895-1900</i>	?	R. do Bispo (Sé)
Folia Africana	<i>Entre 1895-1900</i>	Severiano Pezinho (doqueiro)	Laranjeiras (Sé)
Lembrança dos Africanos	<i>Entre 1895-1900</i>	Egídio Cândido Maciel (encanador)	Fazenda Garcia
Papai Folia	<i>Entre 1895-1900</i>	Timóteo (ganhador)	Curva Grande (Garcia)
Africanos em Pândega	?	Pocidãoio João da Cruz (mata-mosquitos)	Atrás do Asilo
Congos d' África	meados XIX	Rodrigo (capitão da Guarda Nacional, estivador)	Atrás do Asilo
Lanceiros de África	?	Jacob	Ladeira de São João - Cabula
Mamãe Arrumaria	Fins do século XIX	?	São Miguel – Bx. dos Sapateiros
Lutadores de África	?	Balbino	São Caetano
Guerreiros de África	Início XX	Leocádio Pequeno	Jacaré – Vasco da Gama
Pae Burukô	1935 – fundação 1942 – 1982 2006-actual	Deoscóredes Maximiliano dos Santos (Mestre Didí), Clodoaldo (Meninho), Hugo e Aurinho	São Gonçalo do Retiro - Ilê Axé Opô Afonjá Bairro da Paz -Ilê Assipá
Otum Obá de África	1935	João Batista (motorista da Seção de Água)	Curva Grande (Garcia)
Lordes Ideais	déc. 40 séc. XX	José do Gude (doqueiro e ogã do candomblé Bate-Folha)	Pau Miúdo
Filhas d' Oxum	Déc, 40 séc. XX	Joana d'Oxum	Muriçoca
Filhos do Congo	1946-1948 1979 - actual	Salvador Nadinho	Engenho Velho de Brotas Bx. do Curuzu – Boca da Mata
Filhos de Gandhi	18/02/1949 (fund.) 1951 – 1974 (afoxé) 1976 - actual	Durval Marques da Silva – Vavá Madeira (estivador)	Pelourinho



Estudo Etnográfico

* Nívea Alves dos Santos

Filhos de Gandhi

Gilberto Gil

Composição: Indisponível

Omolu, Ogum, Oxum, Oxumaré
Todo o pessoal
Iansã, Iemanjá, chama Xangô
Oxossi também
Mercador, Cavaleiro de Bagdá
Oh, Filhos de Obá
Senhor do Bonfim, faz um favor pra mim
Chama o pessoal
Oh, meu Deus do céu, na terra é carnaval
Chama o pessoal
Manda descer pra ver
Filhos de Gandhi

Dentre os povos de língua yoruba que aqui chegaram estão os Ijexás, possivelmente, em menor número em relação aos outros povos, porém, marcas significativas da sua cultura e religiosidade permanecem até os dias atuais.

* Antropóloga.

Os povos Ijexás ocupavam um território ao norte de Ondo e a nordeste de Ifé, cidade mística dos yorubas, numa região coberta por montanhas, florestas, rios e riachos, numa cidade que se denominou Ilexá. Fundada a partir do século XVI, ocupou um território entrecortado pelos rios Oxum, Sasá e Òní no atual território da Nigéria.⁶¹

Vários são os mitos em torno da fundação dessa cidade. Alguns contam que eram tão poucos os ijexás, que Ododua mandou reunir um grande feixe de varas e as transformou em homens e por isso os ijexás são também chamados Omi igi ou prole dos gravetos. Eram considerados guerreiros e por algumas vezes foram subordinados a Ifé. Cultuam as divindades provenientes da bacia do Rio Oxum, dentre elas está a que leva o nome do rio e que é, também, reverenciada em outras regiões dos yorubas, como na costa de Lagos e no extremo ocidente, em Ketu.

No Brasil, as várias culturas trazidas do continente africano pelos diversos povos durante a diáspora possibilitaram a criação de um modelo funcional, o que resultou na reconstrução de sistemas culturais perdidos durante o processo do tráfico.

Na formação da identidade e cultura afro baiana, vários aspectos se fundiram para dar o caráter singular ao que chamamos ethos de um povo, ou seja, a sua visão de mundo e, nesse caso, a religiosidade foi o elemento fundamental. Segundo Clifford Geertz (1989), “na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo representa um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas que a visão de mundo descreve”.⁶²

A religiosidade africana depende dos mitos e ritos, transcendendo a dimensão estritamente religiosa para o cotidiano. A partir da importância desses mitos e ritos na tradição africana e sua recriação em território brasileiro, a atualização das instituições sócio culturais se deram com o objetivo único de proteger e preservar seu legado cultural e religioso através do uso da palavra que, por sua vez, é portadora de força vital, de axé.

⁶¹ COSTA E SILVA, Alberto da. A Enxada e a Lança: A África antes dos portugueses. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3ª Ed., 2006, p. 581-582.

⁶² GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 67.

Para os yorubas, essa força denominada axé faz parte da cosmovisão africana, é o que permite o existir, o devir, o ser, e sem essa força a existência fica comprometida. O termo afoxé deriva da língua kwa, de origem yoruba. Significa praga, maldição, mas aqui no Brasil tomou outro significado – “um cortejo real, na representação de um grupo de caçadores nobres originários da África, que carregam como símbolo um boneco preto (babalotim)” ou ainda “cortejo carnavalesco, no qual predomina a característica africana nas roupas, cânticos, e instrumentos musicais”.⁶³

Para os grupos de afoxé, essa palavra quer dizer encantamento, a enunciação que faz acontecer, o axé. “Traduzida literalmente a expressão significa: a enunciação que faz (alguma coisa) acontecer. Ou numa tradução mais poética, a fala que faz. Em yoruba, “afoxé” significa encantamento, palavra eficaz, fórmula mágica”.⁶⁴

Denominados inicialmente por Clubes Carnavalescos, os afoxés ganharam as ruas de Salvador a partir do século XIX, inaugurando um novo espaço de luta e resistência da população negra baiana. Dividindo o espaço carnavalesco antes ocupado apenas por uma elite social branca, esses clubes exibiam os traços herdados da cultura africana para aqui transplantada, através de seus elementos mais representativos – a religiosidade e a sua linguagem ritual.

Idealizados, na sua maioria, nos terreiros de candomblé, os afoxés trazem em suas insígnias a marca registrada da força que compõe os símbolos religiosos – o oxé de Xango, o dourado de Oxum, o padê de Exu, o branco de Oxalá.

Considerado um candomblé de rua, os espaços percorridos pelos afoxés tornam-se sacralizados no momento em que é evocada a força dos ancestrais e de divindades africanas. Muniz Sodré acredita que os terreiros de candomblé

[...] enquanto comunidades responsáveis pela preservação de um patrimônio mítico-cultural, sempre foram polos de identificação ou plataformas de penetração em espaços intersticiais, propiciando um desdobramento de suas matrizes simbólicas por meio de afoxés” e de outros grupos representativos “de uma memória coletiva que constituíram o jeito de ser negro brasileiro”.⁶⁵

⁶³ CASTRO, Yêda Pessoa de. Falares Africanos na Bahia: Um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. p. 143-144.

⁶⁴ RISÉRIO, Antonio. Uma História da Cidade da Bahia. Rio de Janeiro: Versal editores, 2ª Ed., 2004.

⁶⁵ SODRÉ, Muniz. O Terreiro e a Cidade: a forma social negro-brasileira. Bahia: Prosa e Poesia. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo/IMAGO, 2002, p. 62.

Nessa lógica, a transposição do Candomblé para as ruas, durante o carnaval, significou uma posição política diante de uma sociedade excludente que via nas manifestações culturais africanas um atraso cultural. O saber mítico, portanto, constituiu-se, nesse momento, o marco da africanidade com contornos políticos de afirmação.

Para ilustrar essa relação entre os terreiros de candomblé e a criação dos afoxés pode-se tomar como exemplo a criação da Troça Carnavalesca Pai Burukô. Fundada em 1935, no Ilê Axé Opô Afonjá, originou-se a partir da brincadeira de alguns meninos integrantes daquele terreiro, dentre eles, Deoscóredes M. Dos Santos – Mestre Didi. De um tronco de araçazeiro com aparência de homem eles criaram Burukô. Aquele tronco foi venerado tornando-se, assim, o patrono da Troça. Somente em 1942 saiu em desfile pelas ruas do bairro de São Gonçalo do Retiro, sob a direção dos fundadores: Clodoaldo, Deoscóredes, Hugo e Aurinho.

[...] A denominação de afoxé derivou da ação do ‘feiticeiro’ de soprar o ixé (trabalho) constituído de pó de determinadas substâncias contendo axé, nas três direções, abrindo os caminhos, assegurando a proteção. [...] No sábado, fizeram as obrigações, que incluíam oferendas ao orixá Exu, senhor dos caminhos, a fim de que ele protegesse a brincadeira, livrando-a de todo mal.

Domingo pela manhã Didi comandava a turma de associados. Menininho foi chamado para despachar a rua..... Ouviram os clarins e entoaram o hino do Pai Burukô saudando a Xangô e todos os demais orixás:

Burukô obá ibô
Burukô oba aiyê
Burukô oba orun
Burukô baba omo
O n’ilê oo.⁶⁶

Fundado em 18 de fevereiro de 1949 por Durval Marques da Silva, o “Vavá Madeira e por outros estivadores do Cais do Porto de Salvador, o Afoxé Filhos de Gandhi tem suas raízes inspiradas no líder político religioso indiano Mahatma Gandhi (1869-1948). Há de ser notada a troca da letra “i” por “y”, com a intenção de evitar possíveis represálias pelo uso do nome de uma importante figura do cenário mundial, haja vista o momento político da época – Segunda Guerra Mundial e a Colonização Inglesa da Índia.

⁶⁶ LUZ, Marco Aurélio. Linguagem e Identidade: Desdobramentos da dimensão estética da linguagem dos Ilê Axé. In: Agadã: Dinâmica da Civilização Africano-Brasileira. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA: Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, 1995, p 584.

Embora tenha se inspirado numa filosofia indiana (a paz e não violência), o afoxé incorporou elementos tradicionais da religiosidade africana e elementos da cultura indiana, inclusive, a personificação do líder indiano.

Com os integrantes vestidos de branco com detalhes em azul, turbante e muitos colares, o afoxé faz reverência a Oxalá e Ogum. Antes de sair às ruas despacha o Padê, oferenda ao senhor dos caminhos, o orixá Exu, pedindo proteção durante o carnaval. Outros elementos fazem parte desse contexto carnavalesco e religioso, como a alfazema⁶⁷ usada pelos participantes em homenagem a Oxum, a deusa das águas e, também, a pomba representando a paz. O camelo que representa força e resistência, e por fim, o elefante, animal considerado sagrado na Índia, dão ao Afoxé Filhos de Gandhi um caráter pluri-étnico na sua apresentação.

O elemento estético torna-se portador de qualidade e quantidade de axé, constituído de forma, textura e cores que simbolizam aspectos da visão de mundo característica da tradição, realizando desse modo a comunicação através de códigos que dão a dinâmica ritual.⁶⁸

As músicas entoadas durante o desfile dos Filhos de Gandhi são cantadas em yorubá e na língua quicongo e quibundo, do tronco linguístico Bantu, executadas nos terreiros durante as cerimônias e outras de domínio público. Abre o desfile saudando Exu, em seguida, realiza um xirê, saudando os demais orixás. Sempre no ritmo cadenciado do ijexá, a rítmica é dada pelos instrumentos comuns a todos os afoxés, ou seja, agogô, xequerê e atabaques, além da introdução de outros instrumentos.

As músicas são executadas por um conjunto de instrumentos, sendo o agogô aquele que abre a marcação do ritmo, em seguida, os xequerês ecoam a sua sonoridade e por fim os atabaques - o rum, rumpi e lé, dão a harmonia sonora para a rítmica do ijexá.

O ritmo musical é uma experiência inerente ao desenvolvimento do existir, expressando as relações dinâmicas entre o aiyê e o orun mediatizadas pela ação

⁶⁷ Os ebós, oferendas com o axé, se constituem de substâncias símbolos de forças que governam o universo na relação dinâmica constante entre o orun (céu) e o aiyê (terra). A restituição na forma de oferenda é uma forma de restaurar e dinamizar a relação e circulação de axé entre o aiyê e o orun necessárias ao equilíbrio da harmonia do ritmo da existência. (LUZ, 1995, p -573).

⁶⁸ LUZ, Op. Cit.,1995, p 566.

ritual...A orquestra ritual combina ritmos de distintos instrumentos, os tres atabaques, de tamanho e sons diferentes, com funções rítmicas específicas, o xequerê e o agogô pronuncia uma síntese de tempo sonoro que, por sua vez, formam uma síntese entre si.⁶⁹

O Afoxé Filhos do Congo, registrado com esse nome a partir de 1979, é dirigido por Ednaldo Santana dos Santos e tem como patrono o orixá Ogum. Teve sua origem a partir do Afoxé Congos d'África, um dos afoxés mais antigos, fundado em meados do século XIX. O Afoxé Congos d'África surgiu no bairro do Engenho Velho de Brotas idealizado por um estivador de nome Rodrigo, Babalorixá, filho de Omolu. Desfilou até primeira metade da década de 40 do século passado.

Fundado em 23 de agosto de 1991, o Afoxé Filhas D'Oxum é outro segmento que tem suas raízes vinculadas a um terreiro de candomblé e, segundo informações do seu presidente, tem o Orixá Oxum como protetor. Na sua ritualística são realizadas oferendas para os antepassados, para Exu e para Oxum e apenas as mulheres integram o afoxé.

Deve ser destacada as mudanças ocorridas no carnaval de Salvador nos últimos anos. As novas tecnologias, a diversificação de espaços, a estética, convertendo o carnaval numa festa com dimensões política, econômica, administrativa e empresarial. Os grandes blocos de trio começaram a se organizar a partir da década de 70 e o surgimento dos blocos afros dão outro cenário ao carnaval. Nesse momento, houve um recuo significativo quanto à presença dos afoxés nas ruas de Salvador, no entanto, pode se destacar dois importantes eventos: o primeiro refere-se à fundação do Afoxé Badauê, em 13 de maio de 1978, por Moa do Katendê, Geraldo Badá e Negrizu, saindo as ruas no ano seguinte e ganhando o prêmio de melhor afoxé, e o renascimento do Afoxé Filhos de Gandhi em 1979, quando o cantor Gilberto Gil desfila com o afoxé tocando e cantando, ao mesmo tempo em que grava as músicas intituladas – Filhos de Gandhi e Patuscada de Gandhi. No segundo, dá-se a criação dos blocos afros Ilê Aiyê, Araketu e Olodum, numa proposta de reafricanização do carnaval baiano.

⁶⁹ LUZ, Op. Cit., 1995, p 568.

Badauê
Caetano Veloso
Misteriosamente
O Badauê surgiu
Sua expressão cultural
O povo aplaudiu

Atualmente, são inúmeros os afoxés que desfilam nas ruas de Salvador, durante o carnaval, além dos acima mencionados, a exemplo de: Filhas de Olorum, Korin Efan, Filhos de Korin Efan, Filhos do Congo, Filhos de Ogun de Ronda, Filhos de Nanã, Filhos de Omolu, Kanbalagwanze, Luaê, Dança Bahia, entre outros.

Num ritmo cadenciado, característica do ijexá, os afoxés pedem passagem e percorrem as ruas de Salvador trazendo para os espectadores a reverência aos orixás, representados nas cores, no toque, nos cânticos, nos rituais realizados em homenagem a Exu, a Ogum, a Oxum, a Xangô, a Oxalá, ao mesmo tempo em que exibem a força, o axé contido nos elementos simbólicos emanado durante todo o Desfile de Afoxés.



Depoimentos

AFOXÉ KORIN EFAN

Presidente – Balguete Crisóstomo dos Santos
Fundação – em 1988

O Afoxé Korin Efan designa-se como Associação Recreativa, Cultural e Carnavalesca Afoxé Korin Efan, entidade sem fins lucrativos. Foi fundado em 1988, por Ligia, Djalma Passos da Conceição, já falecido e Edson Veiga de Assis. Atualmente é dirigido por Balguete Crisóstomo dos Santos.

Significado do nome do afoxé:

Korin significa povo e Efan significa terra.

Rituais realizados pelo afoxé:

Nós temos que despachar Exu. Nesse despacho é pedido proteção e para livrar o Afoxé de qualquer mal. Primeiro canta para Exu, para Oxalá, para Ogum e depois de cantar o hino do afoxé saímos para a rua.

Instrumentos musicais usados pelo Afoxé:

Agogô, Xequerê e Atabaques.

Dias do desfile:

Domingo na Avenida e terça-feira no Centro Histórico.

Contribuição do Governo do Estado para o desfile do afoxé:

Esse ano (2010) está bem sucedido com o INGA e o Governo do Estado.

AFOXÉ FILHOS DO KORIN EFAN

Presidente – Erenilton Bispo dos Santos

Fundação – 25/05/2002

Significado do nome do afoxé:

Korin significa cântico e Efan terra de Ijexá.

Ritual realizado pelo afoxé:

Antes de sair agente despacha a porta pra que tudo corra bem com agente. Esse mundo cheio de encruzilhada agente tem que despachar. Graças a Deus a gente tem nove anos de Korin Efan e tudo sempre ocorreu em paz.

Quais os instrumentos utilizados pelo afoxé?

Os atabaques, agogô, a conga e a marcação.

Música:

“Que afoxé é esse que vem do pelô é os Filhos de Korin Efan que vem com amor, maravilhoso cheiro de axé, com seu tema empolgante, tradição do afoxé Filhos de Gandhi, Filhos de Olorum, Filhos de Korin Efan, Filhas de Oxum. Afoxé maravilhoso, não devemos esquecer, vem com a gente, só depende de vocês, somos filhos da lenda Korin Efan, Filhos do Congo do prazer”.

Como surgiram os afoxés?

Os afoxés surgiram pelos ogans do candomblé. O toque ijexá pertence a Oxum, a rainha do ijexá. Os ogans criaram os afoxés, foi assim que nasceu o canto que vai dominar.

Quais os dias de desfile e trajeto do Afoxé Korin Efan?

O afoxé sai sábado e segunda feira no circuito Osmar.

Quais os elementos que compõe o desfile?

Antigamente tinha o Babalotin, hoje em dia tem o estandarte. O Babalotin representa a proteção do afoxé.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL AFOXÉ FILHAS D’OXUM.

Presidente – Dalvadísio Fonseca de Melo

Fundação – 23/08/1991

Origem do Afoxé Filhas d’Oxum:

Foi fundado pela professora Rosângela Guimarães no dia 23 de agosto de 1991. Ela queria prestar uma homenagem ao Orixá Oxum, devido a uma gravidez de risco. Ela estava grávida da Estrelinha, hoje com 18 anos. A menina passou do período de nascer, nós fizemos uma promessa a Oxum para que o parto fosse com calma e que nós criaríamos um mecanismo para homenageá-la todos os anos da nossa vida, então o mecanismo foi esse: criar o Afoxé Filhas d’ Oxum. Rosângela hoje é falecida e por isso sou o presidente.

O Afoxé Filhas D’Oxum:

É uma Associação cultural e religiosa. Somos um dos poucos afoxés que tem orixá assentado. Temos a nossa sede religiosa – Terreiro Águas de Gongobira, situado na estrada Aeroporto-Cia, Km 03, em frente à Quinta Portuguesa.

O que significa o afoxé ter orixá assentado?

Significa que o orixá Oxum cultuado por esse afoxé recebe obrigações. Quando o afoxé vai à rua, a gente faz um carregamento pra egum, pra que o pessoal que já foi das filhas de Oxum e que já partiu desse mundo, esqueça esse afoxé e siga seu caminho em paz, procure enxergar a face de Olorum, Olodumaré e do Deus todo poderoso. Damos comida a ele na rua depois nós colocamos um presente nas águas, dizemos a Oxum que nós vamos pra rua e que esperamos sucesso. Na quarta feira de cinzas nós encerramos nosso carnaval dentro da lagoa do Abaeté com uma comida votiva ao orixá Oxum.

Qual o significado do nome?

O nome foi para homenagear Oxum é a patronesse homenageada do afoxé e a dona do bloco, e outra rainha lindíssima que nós chamamos de Nigira, ela é homenageada também na segunda feira quando jogamos alguns destaques com cores votivas para o orixá exu - vermelho e preto.

Os dias de saída:

Nós saímos sábado e segunda, na avenida e na quarta feira de cinzas fazemos aquele arrastão de Piatã até a Lagoa do Abaeté onde encerramos nosso carnaval. Nós encontramos o pessoal do bloco afro Malê Debalê e do bloco os Nativos.

Qual a troca do afoxé com o terreiro?

O afoxé é a força, força por outro lado também significa eu existo, eu estou aqui. Tem outros que dizem, principalmente a imprensa fala-se que o afoxé é o candomblé de rua. Nós cantamos para os orixás, cantamos sim, é aquela coisa, precisamos acompanhar o progresso precisamos sim. A troca com o terreiro é um afoxé que a gente homenageia o orixá e fazemos nossas obrigações e precisamos ter um terreiro que nos abrace. Filhas d'Oxum tem um terreiro que abraça ela. Sou o Babalorixá, estou assumindo a função de uma pessoa que ainda não chegou no terreiro é aquela coisa do apoio mútuo. O Terreiro Águas de Gongobira dá a cobertura espiritual para o afoxé e o afoxé trabalha para manter esse terreiro.

Rituais:

Pra gente ir pra rua a gente faz um carregó, despachamos Egum. Dias depois nós despachamos Exu, damos comida a ele na rua, a gente precisa pedir permissão a ele para passar, para ter êxito e nada de ruim aconteça. Depois nós colocamos um presente nas águas, dizemos a oxum que nós vamos pra rua e que esperamos sucesso. Na quarta feira de cinzas nós encerramos nosso carnaval dentro da Lagoa do Abaeté com uma comida votiva ao orixá Oxum.

As canções são em iorubá?

As cantigas são feitas em Efan, é o ijexá, mas o afoxé Filhas d'Oxum como é mais arrojado e nosso terreiro cultua a nação Angola nós cantamos Angola também inclusive. Tem uma ordem nas cantigas, primeiro canta pra Exu, pra Ogum, pra Ossain, depois Oxossi e ai a gente vai. Temos músicas próprias temos compositores como Giga de Ogum, Vadú da Ribeira, Bibiu que fizeram canções belíssimas e que nós cantamos na avenida.

O ritmo é marcado pelo agogô, xequerê e atabaque. O agogô abre a marcação, em seguida o xequerê entra, ai começa o atabaque menor depois vem o rum que é maior fazendo o contraponto usamos os metais, o sopro, o teclado, e também a bateria.

A Receptividade:

Dentro do cenário do carnaval Filhas d'Oxum não é aquilo que eu gostaria que fosse, embora seja agradecido ao governo do estado e ao secretario de cultura. Márcio Meireles procurou se preocupar com os blocos que fazem cultura na Bahia e estamos esperando ansiosos o projeto do governador Jaques Wagner de se tombar (registrar) os afoxés. Hoje temos um auxílio do governo, mas não é suficiente pra se mostrar o que é cultura. Uma coisa que o governo tem que ver é que quando acaba o carnaval nós estamos completamente endividados, nós fazemos carnaval com amor a cultura.

Os elementos que compõe o afoxé?

O estandarte, uma bandeira, temos a ala de Oyá, temos a ala de Yemanjá, temos a ala de Oxum e de Oxum Apará, onde a gente mistura o vermelho e o amarelo.

Opinião em relação ao registro imaterial?

Eu acho que estava na hora. O governador pensando em cultura esta preservando um bem enorme.

AFOXÉ PAI BURUKÔ

Presidente – Deoscóredes Maximiliano dos Santos
Fundação - Em 1935

Pai Burukô foi fundado por mestre Didi - Deoscóredes Maximiliano dos Santos (1917), o atual mestre do Axé Assipá. O desejo dele é que esse bloco voltasse a sair de novo no Pelourinho, então ele pediu a gente que desse continuidade ao Pai Burukô.

Em 1942, a história foi um grupo de jovem do Ilê Axé Opô Afonjá, no São Gonçalo do Retiro. Eles encontraram um tronco e deram o nome inicial de abé. Mãe Aninha que era do Ilê Axé Opô Afonjá não achou que seria adequado para brincadeira de carnaval e mandou colocar outro nome e surgiu a idéia lá do grupo Pai Burukô, ela aprovou.

Ai começou a brincadeira de sair nas casas pedindo dinheiro para fazer fantasia, cada um fazia a fantasia e ia brincar o carnaval, assim começou. Pai Burukô

primeiro em 1935, mas pra sair na rua foi em 1942. Nesse período de 35 a 41 eles ficavam brincando por São Gonçalo mesmo, no terreiro, no bairro ali entre a casa de um amigo e outro, tocavam, bebiam, faziam a farofa e tudo, mais ai pra ir pra rua mesmo foi em 1942.

As cores:

Vermelho e branco, por causa do Orixá Xangô, como uma forma de homenagear esse orixá.

Existe alguma troca entre o Terreiro e o Afoxé?

A troca que o terreiro transmite para o afoxé é a energia, a espiritualidade, para que a troça carnavalesca seja bem sucedida, para que não exista problema.

Existe algum tipo de ritual antes de sair para o carnaval?

Em toda entidade negra existem rituais que são internos, na saída do carnaval. As obrigações são internas dos integrantes que fazem parte do terreiro, é feito essa oferenda a quem é de direito pra pedir proteção e evitar que algo de mal aconteça.

O que vocês tocam é um ritmo bem marcado com três instrumento o agogô, o atabaque e o xequerê, expliquem?

Na maioria das vezes o ritmo do afoxé é o ijexá. É um ritmo ligado às atividades do candomblé, as obrigações que são compostas por esses instrumentos que são o atabaque, e agogô e o xequerê.

Qual a opinião de vocês em relação ao registro de patrimônio imaterial?

Acho bom porque estava deixando acabar o afoxé e bloco afro, chegou os blocos trios e tudo então acabou com bloco afro, então vai ajudar voltar a reviver o afoxé, a tradição que estava acabando.

AFOXÉ FILHOS DE GANDHY

Presidente – Agnaldo Silva

Fundação – 18 de fevereiro de 1949

O Afoxé Filhos de Gandhi foi fundado em 18 de fevereiro de 1949. É uma entidade sem fins lucrativos. O objetivo dos Filhos de Gandhi é pregar a paz. Foi fundado por estivadores do cais do porto. Eles foram assistir ao filme sobre Mahatma Gandhi o Gunga Din (1939), direção de George Stevens e se inspiraram em fundar os Filhos de Gandhi. Gandhi morreu em 1948.

Os fundadores iniciais mesmo foram quinze. Eram Vavá Madeira quem assistiu o filme com Antonio Miriano, seu Nelson lobisomem, cada um deles tinham apelido. Tinha seu Hermes soldado, seu Hamilton que chamava de bebê da madame, tinha seu guarda sol que era seu Manoel dos Santos, seu Nicanor e seu Almir Fialho, seu Duarlindo, esses foram os idealizadores mesmo, reunidos na mangueira no Julião, seu Antonio Miliano contando um filme que ele assistiu.

A preocupação deles é que Mahatma Gandhi foi assassinado em 1948. Pensavam que se formasse um bloco para o carnaval ia ter represália da policia, a policia podia achar que os Filhos de Gandhi estariam fazendo protesto, mas graças a Deus deu tudo certo, hoje nós vamos fazer 61. Essa foi a trajetória dos Filhos de Gandhi.

Estrutura do Afoxé durante o desfile:

Nós temos a ala de canto, a de dança, nós temos uma média de cem integrantes na bateria, temos carro de som, temos os metais que é os clarins, o abre alas e a percussão que é o atabaque, o agogô e o xequerê.

O afoxé é o candomblé de rua. No candomblé toca o agogô, o atabaque e o xequerê. No candomblé é o encontro dos orixás do terreiro em si, a música é através do atabaque, o ritmo é o ijexá. O afoxé é de origem africana.

Os afoxés originados do Gandhi?

As Filhas de Gandhi, os Netos de Gandhi.

Significado das cores:

Branco porque nós cultuamos muito Oxalá, branco e azul é o oxalá guerreiro da guerra e da paz, o branco de oxalá e o azul de ogum.

O turbante:

Para os Filhos de Gandhi a cabeça é uma coisa sagrada, ninguém pode colocar a mão em minha cabeça, o símbolo maior é o turbante.

O ritual:

O afoxé ele faz uma elevação aos orixás. Nós cantamos para o homem da rua que seria o Exu, ao deus maior que é o Oxalá. Para nós iniciarmos o trabalho fazemos o padê, uma oferenda a exu para abrir os caminhos, fazemos farofa branca e vermelha.

O acaçá e a água é uma oferenda, damos a Exu pedindo pra abrir nossos caminhos, para que o carnaval, a festa que nós vamos fazer corra as mil maravilhas e a pomba branca da paz.

O estandarte é o símbolo de uma entidade carnavalesca como se fosse uma bandeira, nós temos o camelo, elefante. O camelo representa a força, a resistência. O elefante é a energia positiva. Nós tínhamos a vaca considerada sagrada, a cabra, que também é sagrada para eles lá na Índia.

No sincretismo no candomblé nós reverenciamos a Oxum. Oxum é a rainha da força, Yemanjá é vaidosa, a alfazema é pra atrair as mulheres, o colar é o amuleto da sorte é o guia, tem muitas pessoas que usa pra ter sorte. Quando terminamos nós fazemos Saudação a Oxalá.

As músicas:

O afoxé em si os cânticos é em ioruba, o dialeto dos orixás é oriundo da África. Primeiro nós cantamos para o homem da rua, depois pra Ogum, ai vem Oxossi, Iansã, o último é Oxalá que é o deus maior. É um xirê que significa em ioruba uma coletânea, uma seleção de música. No terreiro de candomblé é diferente, lá se chegar um Oxalá incorporado em uma pessoa eles cantam para o Oxalá. Nós temos três Oxalá: Oxaguiã que é Oxalá menino, Oxalufã que é o mais velho que

é o Deus e temos o Jesus Cristo que é o Senhor do Bonfim. O Oxalufã é o das águas o senhor dos navegantes, Oxaguiã é o Bom Jesus da Lapa, e o Oxalá que é o Senhor do Bonfim.

Temos uma pessoa que é um Babalorixá para fazer os rituais. Um filho de santo é que faz o ritual. O ijexá a música lenta o ritmo se enquadrou na caminhada da paz, da filosofia dos Filhos de Gandhi.

Relação afoxé candomblé:

O afoxé é oriundo da África, o ritmo afoxé é o candomblé de rua.

AFOXÉ FILHOS DO CONGO

Presidente - Ednaldo Santana dos Santos

Fundação – 1979

Fundação:

Na primeira geração que surge em meados do século XIX Filhos do Congo surge como Congo d' África, ele foi fundado pelo velho Rodrigo que veio do Congo. Estivador passou muito tempo na estiva. Foi um babalorixá, era de omolu. Quando ele faleceu os Congos d'África ficou parado um tempo logo após a segunda guerra mundial que foi em 45. O filho dele tomou a responsabilidade de botar na rua, foi a segunda geração, ele se chamava Salvador. Ainda era no mesmo local no Engenho Velho de Brotas, o Congo d'África surge como representante de um candomblé. Quando o filho assume passa a se chamar Filhos do Congo no século XX.

De 1946 a 1949 esse afoxé ressurgiu pra fazer um trabalho de resgate não só da música e da dança, mas, também da religião, porque o próprio filho do Rodrigo era de Oxossi, ai preservou. O filho também era estivador e teve uma grande responsabilidade.

Depois de 49 o Salvador fica doente e o Lau que acompanhou ele fica cego e deixa de tocar ai os Filhos do Congo deixa de sair. Em 1979 ressurgiu na baixa do Curuzu. Eu estava terminando de me formar em administração e me dediquei a pesquisar este trabalho apesar de não ser historiador me apaixonei pelo

processo histórico e porque os bantos foi um dos maiores responsáveis pela herança da música popular brasileira, na dança, nas comidas. Oito anos depois eu encontro a esposa de Salvador em Castelo Branco, ai ela me falou como o velho Rodrigo mantinha os Filhos do Congo naquela época, apoiado inclusive pelos políticos da época que tinha que mostrar a cultura e a tradição do afoxé para se preservar e quando esse afoxé saía do Engenho Velho para a Barroquinha. E começa a historia de toda uma raça, falar da cultura porque não existiam blocos afros a primeira africanização na Bahia foram os afoxés, mas não só pelo aspecto da festa profana mais religiosa. Naquela época 1946 e 1947 não se podia tocar o candomblé porque era perseguido.

Significado da palavra afoxé:

Afoxé é uma palavra mágica é um grupo de pessoas é reunião afoxé é odaguiba uma palavra africana.

O Afoxé e o Candomblé:

Hoje a cabeça do afoxé como representante é de Ogum e como babamoro. Eu fui confirmado no dia 2 de agosto na casa de Ilê Axé Opotá Iná. O afoxé esta ligado a religiosidade do candomblé e a minha visão foi fazer desse afoxé um processo social, não só para o carnaval mas pra fazer pesquisa, para ensinar as pessoas que o afoxé não é um candomblé mas uma forma de lazer de cultura e também religiosa é uma forma de expandir o que a gente quer através da dança da comida e da musica.

Significado das cores do Afoxé Filhos do Congo:

Nós trazemos essas cores coloridas por conta da bandeira da África, do Congo que tem o verde e o amarelo, do tigre de bengala amarelo e preto. O tigre de bengala ainda é preservado lá na África, no Congo e o ramalhete do café que também é verde e o amarelo o ouro da nossa bandeira do Brasil.

Projetos Sociais:

Dentro deste aspecto os Filhos do Congo vêm tentando ajudar os jovens. Passou em vários bairros desde 1979. Eu vou recorrer a vários outros ensinando jovens a tocar, tentando buscar os jovens para perto da musica da dança para afastar do caminho da marginalização dos caminhos das drogas, Por isso nós temos associação recreativa afoxé Filhos do Congo trabalha a favor da comunidade, mas não é paternalista, trabalha o que for bom pra comunidade a gente apóia os

ensaios a gente desenvolve não só nos dias de domingo mas também em outras necessidades mostrando o trabalho cultural .

Do Afoxé Filhos do Congo vem surgindo muitas coisas há alguns anos atrás eu batalhei para que fosse registrado como patrimônio cultural e imaterial da Bahia. Em 2009 o governador assina no Teatro Castro Alves o documento de reconhecer essa instituição como patrimônio cultural e imaterial da Bahia.

Elementos que compõem o afoxé:

Temos o babalotin e a bandeira, a barquinha tem o significado da mostra da dança. O babalotin a gente guarda como uma marca das brincadeiras que eram feitas. O símbolo do afoxé na bandeira mostra tudo da cultura do afoxé a dança feita pelo rapaz que carrega o babalotin é uma dança de expressão de uma abertura de caminho.

Rituais:

Antes do carnaval a gente agrada o homem da estrada ou o homem do mato se é a mulher da água doce se é a mulher da água salgada nós fazemos todos os momentos necessários e acender as nossas velas para clarear nossos caminhos e pedir a nosso pai maior que a gente possa sair no carnaval. Nós não fazemos de qualquer forma, na rua, mais fazemos no espaço aqui, no dia de sair à gente prepara as pessoas com banho de amasi para que a gente saia leve.

Instrumentos musicais:

Os instrumentos são os atabaques, os agogôs e o xequerê que é tocado pra dar um melhor ritmo. Os instrumentos de cabaça e os atabaques, as congas e o instrumento de sopro também podem ser colocados, assim como o violão e o baixo.

Alas que compõem o Afoxé:

Estamos trazendo a ala de baianas a de maculelê, a da capoeira, a ala de dança, três ou quatro dançarinos que fazem a marca em cima do trio, as alas de dança umas com 20 outras com 30 componentes e o pessoal de Cachoeira com os índios e os caboclos e depois vem a ala dos foliões. Quando trazemos a representação dos caboclos é que naquela época os índios contribuíram para nossa historia, mas desapareceram os índios recuou e sumiu, é uma forma de manter viva a festa do caboclo.

JAIME SODRÉ

Doutor em História

Etimologia:

Bom, vamos começar pela palavra do produto, pela palavra afoxé. Nós temos várias versões sobre esse termo. Uma das versões que eu sei é que esse termo significa um instrumento musical, que mais tarde foi chamado também de xequerê. Por outro lado, dentro das conversas no campo das religiosidades baiana, nos terreiros de candomblé, nós sabemos que aí “tão” incorporado duas palavras importantes, a força e o axé. Então, o afoxé na verdade, ele vai pra rua levando a força do candomblé no espaço de rua. Mas, enganam-se aqueles que dizem que o afoxé é um candomblé de rua, não existe candomblé de rua, existe candomblé situado num determinado espaço territorial e existe o afoxé que vai pra rua lembrar que, se a proposta do candomblé é você vivê-lo aqui e agora é no espaço da alegria do carnaval que o afoxé, ou seja, a força do axé, que é à força da vida e da alegria vai pra rua. Então, do ponto de vista etimológico, a palavra tem uma origem Yoruba, mas no ponto de vista da interpretação toda oportunidade que você vir no afoxé você vai verificar que ele é um sinônimo de força, de alegria e de poder.

Primeiros afoxés:

Bom, se nós formos falar historicamente dos primeiros, nós devemos dizer que os primeiros foram aqueles que fizeram perto dos terreiros de candomblé, que eram pequenos grupos que saíam durante o carnaval, mas não se “arvoravam” a vir pro centro da cidade, evidentemente em função da repressão que se exercia sobre blocos negros. Então essa cultura de proximidade do terreiro de candomblé resultou em duas coisas importantes, primeiro a supervisão sempre presente das mães de santo e dos pais de santo, segundo a fiscalização quanto ao repertório musical, terceiro o prestígio de sair perto de sua casa e conseqüentemente dizer que o candomblé “tava” atuante. Então os primeiros eram assim. Depois tem aquele segundo passo que é o afoxé se exibindo no espaço da cidade, onde aí tem uma série de questões pra vocês levarem em conta, primeiro cada um se esmera mais que o outro pra botar, mostrar a sua força, cada um vai representando a sua própria casa e acima de tudo, na rua, ainda continua obedecendo rigidamente as regras estabelecidas pelo terreiro. Terceiro espaço do candomblé é o, do caso do afoxé, desculpe, é o afoxé que é o candomblé que está na rua e não de rua, é exatamente quando surge o afoxé moderno, que eu chamo que é o Filho

de Gandhi, que já é uma situação que eles têm a possibilidade de ir pra rua, têm a possibilidade de ser integrado com exclusividade masculina, também leva em conta o repertório musical, que eu falarei mais tarde, e a partir dali aquele passa a ser um modelo, mas não significa que com o Filho de Gandhi outros modelos de afoxés, não tenham sobrevivido.

Então nós temos os afoxés que sobreviveram que são vinculados proximamente as casas de santo, tem os afoxés que são vinculados a procedência litúrgica, candomblé de keto, candomblé de Angola, às vezes o pessoal do jeje não tinha um candomblé próprio, mas saía no candomblé vizinho, de modo que, atualmente, o afoxé embora sofra dificuldades, eles ainda continuam sobrevivendo pra demonstrar que são símbolo de resistência, de identidade cultural baiana e acima de tudo, as pessoas se esquecem disso, o afoxé vai pra rua pra sacralizar, pra pacificar o espaço urbano, pra que o carnaval seja um carnaval só de alegria. Então aí daquele que não preservar o afoxé como elemento pra destruir as tensões do carnaval, já que o afoxé vai trabalhar, eu diria assim, pacificando e levando a rua o homem da rua que é Exu Elegbara. Então esse é o ponto importante que a gente deve falar a respeito do afoxé, inclusive eu tenho uma sugestão da abertura do carnaval, num dia de sexta-feira à tarde, seja feito por um cortejo de afoxés, como bem disse um amigo que eu não vou revelar o nome agora, despachando a rua, limpando a rua, pra que a alegria venha sem a violência que não tem nada a ver com o carnaval. O afoxé pelo seu ritmo, pela sua maneira de cantar e pela sua maneira de se deslocar na multidão e por si só, já é um símbolo de paz, alegria e bem viver o carnaval.

Elementos representativos:

Então eu vou começar no meu tempo. Primeiro de tudo, no meu tempo o afoxé tinha que ter o boneco que vai na frente, que era a síntese da representatividade de Exu Elegbara, e tem um detalhe que muito afoxé “tão” esquecendo que era o estandarte, então todos os afoxé tinha o seu estandarte ricamente decorado, inclusive eu me lembro muito bem que tinha uma senhora que era costureira que era encarregada de fazer o estandarte do Filho de Gandhi, por que esse estandarte? Porque esses blocos percorriam a comunidade vizinha e as pessoas iam colocando no estandarte dinheiro, como acontece no culto do candomblé quando alabê se exhibe muito bem, então a gente vai lá e coloca uma moeda em relação a ele. Então nós temos os estandartes, por sinal existia um projeto pes-

soal que eu gostaria de realizar recuperando esses estandartes e no carnaval, uma exposição seria uma exposição dos estandartes do candomblé.

O estandarte dos Filhos de Gandhi é lindíssimo, um dos estandartes mais bonitos que eu já vi é do Korin Efan, de modo que, primeiro vem o estandarte, depois vem uma ala na frente que são as pessoas de maior autoridade dentro do candomblé pra fazer o canto, mais tarde vinham aqueles que tem menor classificação no candomblé, pra falar a respeito da resposta do canto e por fim vem o grupo de percussão. A percussão do candomblé é importante no afoxé porque ela não reproduz a percussão “iniciática” de chamar orixá, ela apenas faz a percussão pra você se deslocar na rua. Um outro símbolo importante, que as pessoas geralmente levavam nas ruas, eram as contas, as chamadas guias, que na época que eu conheci o afoxé, chamado afoxé de fundamento, as pessoas levavam suas contas e não deixava ninguém tocar, nem trocavam por um beijinho, como acontece hoje no Filho de Gandhi.

E uma das questões que registra o candomblé, no caso o candomblé associado ao afoxé, é a fantasia associada à cor do orixá daquela entidade que está sendo representada, então você já identificava o patrono ou a patrona do afoxé pela cor da sua fantasia. E por fim, a fantasia tinha que ser devidamente composta, por que trata-se de uma atitude ritual no meio da rua, então não se permitiria perninha de fora ou decote acentuado e alguns ainda, preservando a relação com o candomblé vinham com um torço, que é o símbolo de proteção do ori, e aí tá significando que eu mesmo na rua tenho que proteger a cabeça porque é a cabeça do meu orixá.

Musicalidade:

Nós temos que ter o ritmo, que conduza as pessoas se deslocando na rua, nós temos que ter um canto e o canto a depender do candomblé, do candomblé na rua, no caso o afoxé vai ser feito segunda a nação, então você vai ter canto em Yoruba, você vai ter canto em Jeje, vai ter canto em Angola. Você tem que ter um instrumental, que antes as pessoas se enganavam, pensavam que saíam os atabaques, mas os atabaques têm que ficar guardados nos candomblés, saíam os tambores que podiam ser tocados nessa dimensão pra deslocamento, e aí eu vou começar a explicar pra vocês seguinte, primeiro a música, saía-se cantando a chamada música fraca, o que é a música fraca, música que não tem nos seus

componentes melódicos e rítmicos possibilidade de chamar santos, porque na rua não é lugar de se chamar santo, então elas são a música pra se divertir, era música pra poder fazer arrelia, como diz o outro, pra brincar, e a esses grandes sabedores, são os alabês, os ogãs e os xicaragomas sabia qual era a música que devia cantar em público.

A música forte, que é a música de fundamento, se fazia antes de ir pra rua, então se fazia o Padê, se cantava pra Elegbara, Exu, e aí saía pra rua, então a música de fora é a música só pra você deslocar. Preferencialmente eram executados músicas de minha Mãe Oxum, por causa da melodia dessas músicas e da maneira de se locomover no ritmo do ijexá, que é o ritmo do afoxé, é o ijexá. Além do mais, em relação à melodia, as pessoas que puxavam o canto era só uma pessoa, os outros respondiam, ninguém se atreveria a puxar na frente daquele maioral que vai lá na frente, por que eles sabiam o que tinham que cantar. Por exemplo, um caso interessante, no Filho de Gandhi tinha o saudoso, uma pessoa ilustre, que era Negão de Ogum que sabia o que tinha que puxar e esse geralmente você identificava que ele levava o símbolo maior do afoxé que é o agogô, o gan. A respeito de melodia, a partir de determinado momento, já não se fazia mais, porque essas pessoas mais velhas foram se extinguindo, começaram a ser composições pro afoxé, que preferencialmente levavam expressões em Yoruba, expressões em Keto, expressões Jeje, então eram músicas pra rua e não músicas tiradas de dentro do candomblé pra rua. E hoje em dia se vê muito isso, né?

O afoxé também era confundido com o ritmo ijexá, mas afoxé é a organização carnavalesca, o ritmo é o ijexá, quem puxa o ijexá é o agogô, quem responde o ritmo do agogô são os atabaques, no caso não os atabaques rumpilé, o rumpilé do candomblé, são atabaques pra tocar na rua, mas mesmos esses atabaques eram sacralizados, recebiam as obrigações pra ir pra rua. Tinha um detalhe, um afoxé original podia sair homem e mulher, entendeu, quer dizer, mas a mulher podia até tocar tambor ou tocar o instrumento percussivo, mas a mulher não podia puxar o canto, quem puxava o canto era o homem. Mas tinha um afoxé famoso aqui na nossa área, que era um afoxé das mulheres de Oxum, que era só de mulheres que vinham visitar Mãe Menininha e quem tocava tambor eram as mulheres, quem cantava eram as mulheres e homem não saía, saía ao redor porque quem chama homem e mulher é o cortejo, então os homens saía do lado

fora, uma inversão do que é os Filhos de Gandhi, e que só sai homem e as mulheres vai circundando o bloco, no caso o bloco de afoxé.

Uma outra questão importantíssima que é o passo do ijexá, que o passo do ijexá tem uma sabedoria que permite velho, menino, porque ele foi pensado, pra que fosse incorporada as pessoas mais velhas, foi pensado num ritmo que possibilitasse essas pessoas mais antigas sair só... jogando as cajás como nego diz, né? E a sensualidade do dançar que é permitido também pra homem, então ninguém dança “tira o pé do chão” em afoxé, dança na sensualidade, né? Então, isso é um conjunto importantíssimo minha gente, pra mostrar uma forma de brincar carnaval que tem sensualidade, mas não tem sexualidade, tem beleza, mas não tem arrogância, e tem ritmo, que permite a qualquer um desfilar pela rua tranquilamente. Garanto que na abertura do carnaval com o cortejo, a caravana de afoxé só não vai quem já morreu.

Trajetória histórica:

Eu vou fazer dois pontos interessantes do século XIX, que é a repressão sobre fazer o carnaval de negros e o século XX um pouco de relaxamento pra esses negros irem pra rua. Voltando ao século XIX, nós temos o precedente de algumas organizações negras que saíam à rua, mas não gostaria de ser identificados como pessoal do candomblé, embora fosse, Embaixada África, Pândegos da África, queria mais evidenciar a riqueza africana, enquanto africana e não enquanto afro-brasileiro envolvido no candomblé. Eles tinham no conjunto de carros alegóricos que eles colocavam na rua, um carro que era o quebra feitiço, então de certa forma ele reverenciava a questão da proximidade africana. Mais tarde vai pra rua os pequenos grupos de afoxés e se arvora a sair do bairro pra ir pra cidade rapidamente, porque ninguém permitia essa exibição de negros, mas esses pequenos afoxés do século XIX vem consolidar a idéia do que é o afoxé naquilo que a gente escreveu antes, de modo que o século XIX foi importante pra isso, pra experimentar resistência, pra experimentar repressão e você tem que pensar que em determinado período foi proibido sair nas ruas blocos de negros.

O século XX vem com uma história interessante, que é a grande felicidade da invenção de Vavá Madeira, do Filho de Gandhi, que coloca uma série de dimensões nesses afoxés, que é um afoxé que eu chamo interessante, porque ele vai

buscar na Índia referência e vai buscar na África e lança na rua um afoxé fantástico, fácil de fazer, que era só pegar toalha botar na cabeça, botar um torço de, aquele torço que pegava cebola, não sei se vocês conhecem isso aí, botar tamanquina e ir pra rua. Então eles começaram com isso com muito medo, porque as pessoas achavam que ele era, por ser do Sindicato dos Estivadores, bem informado sobre a questão internacional, que eles eram comunistas, mas eles não eram comunistas, eles eram candomblecistas e a partir daí eles começaram a ir pra rua. Então o Gandhi também teve um momento que não saiu.

Mais tarde o Gandhi foi reincorporado ao carnaval baiano e a partir daí as pessoas começaram a olhar o Filho de Gandhi e o Filho de Gandhi passou a ser referência de afoxé na Bahia, no Brasil, tanto que tem filial do Filho de Gandhi no Rio de Janeiro. Mas enquanto o Gandhi tá andando pelo meio da rua, os outros afoxés menores, com dificuldade tentam sobreviver, então nós temos uma distinção interessante, que é o Gandhy que já tem toda uma auto suficiência, uma, eu diria assim, uma respeitabilidade natural, e os pequenos que a gente tá aqui apelando pra que eles não sejam extintos, porque eles realmente cumprem um papel interessante. Eles integram comunidade e moradores que não tem muita renda, eles congregam uma coisa interessante que no carnaval ta se extinguindo que são as crianças e integram – aí eu vou fazer um apelo – o véio, que também tem que ir jogar as cajás. Então é preciso lembrar que no século XX, nós temos dois tipos de afoxés: o Gandhi e esses afoxés que eu chamo populares, que precisa dessa colaboração.

Eu acho que o afoxé é um horconcur, então tem que ter passagem livre, não é pra ter aquele cortejo ridículo de um determinado bloco de carnaval que tem seu trio elétrico potente impedir a passagem do Gandhi, ou seja, esse ano o Gandhi tem que sair mais cedo pra ocupar o espaço antes que chegue um gigante, quando no tempo de Dodô e Osmar, Dodô parava e saudava os afoxés e os afoxés respondiam pra eles com os chamados clarinetes dos afoxés e aí aquela saudação, até me arrepio porque era uma coisa emocionante, e ele lá em cima Dodô saúda e os Filhos de Gandhi olhando, e ele saúda e os Filhos de Gandhi pããã (imitando som das clarinetes), baixava a cabeça, saudava, era um negócio lindíssimo, então nós precisamos educar o carnaval e uma das educações importantes do carnaval é respeitar quem começou na rua, porque hoje todo mundo vai pra rua, quem levou pra rua o carnaval foi o afoxé.

Então de modo que, em tempos modernos, nós devemos dizer o seguinte: o candomblé já não é mais, no caso representado na rua pelo afoxé, coisas de negro, o afoxé é uma mistura multicultural que permite que qualquer pessoa saia, dentro do espaço religioso e sagrado e que goze naquele momento uma coisa fantástica que é a proteção das divindades do culto africano.

Projeto Social:

Se você pegar um bloco de sucesso, chamado bloco de trio e perguntar pra ele assim: bom, você sai carnaval, você congrega multidões, você gira um capital interessante, qual é o seu trabalho social? Vou deixar esse espaço vazio pra pessoa entender e responder se tem ou se não tem trabalho social. Tem uns que querem, o que eu chamo de esmola, de sobra, não mais a gente pega as fantasias do que não aceitou e dá pras pessoas reaproveitar. Você já viu alguém de fantasia no meio da rua depois do carnaval? Então, esse grupo é o grupo que faz o trabalho do capitalismo selvagem, não dá nada pra ninguém, mas não existe um afoxé que não leve o ano todo fazendo trabalho, o chamado trabalho social.

O que é o trabalho social? Inclusão digital, pesquisa sobre a questão da cultura afro – brasileira, escolas, dança afro, né? Uma série de atividade que fazem com que o jovem se integre e adquira uma auto-estima negra. Como ele está ali sob a fiscalização de uma entidade religiosa, ele passa a ser disciplinado, ele certeza não vai se envolver com a problemática da droga, ele vai ter uma auto-estima elevada, porque na hora que vai pra rua, as pessoas estão elogiando ele. Então a marca do afoxé, por ser uma entidade religiosa e o candomblé foi feito, criado e pensado pelos nossos antepassados para servir de que? Servir de auxílio ao outro, é naquele espaço que a juventude aparece. E aí vem um detalhe reportando pras mulheres, é ali que eu fico orgulhoso de ver no carnaval, aquela criatura que veio comigo, como eu brinco, no navio negreiro, cuidar do seu cabelo, fazer a sua maquiagem, botar sua roupa e ir pra rua, às vezes só três dias, mais ali esta uma mulher negra já se revelando na sua beleza, coisa que fica escondida no cotidiano e ai tem um detalhe importante, é que quando eu tenho a criança e a juventude dentro do afoxé, eles não são cordeiros pra sofrer na corda, eles são o que, atores, eles são participes, eles são cenário e beleza do carnaval, então o que eu quero chamar atenção é que o afoxé sobreviveu porque ele foi criando pessoas pra dar continuidade, você pega Nadinho do Congo, a gente falou dele,

vem desde quando? De criancinha. O pai vai, leva o filho, bota aqui no cangote e vamos lá, entendeu? Então eu acho que, estimulando os afoxés, dando oportunidade vão ser, como são, a escola de integração dos jovens. E tem afoxés que além de cuidar, que eu digo da raiz, cuida da semente, cuida da flor e do fruto que são os velhos, então tem afoxés que faz atividade com pessoas de terceira idade, que vão fazer o que, as fantasias.

O afoxé da oportunidade as costureiras do bairro fazer os tecidos, o afoxé ensina o garoto a fazer um silkscreen, a imprimir uma camisa, a fazer um desenho pra sair no tambor, eu me lembro quando eu fiz um trabalho no Ilê Aiyê, que não é um afoxé é um bloco afro, eles aprenderam a decorar os seus tambores, a aplicar a arte nos tambores. Então, qual é a receita pra gente tentar minorizar o sofrimento da juventude? Prestigiar as entidades afoxés.

Então você vê que a comunidade negra sempre tá preocupado nessa solidariedade, de ajudar o outro e o afoxé é isso, solidariedade. É o momento que você tem de sair entre seus iguais e ser evidentemente prestigiado. Agora eu to contando que no próximo carnaval eu possa assistir a abertura do carnaval com um belo desfile de todos os afoxés da Bahia, inclusive dizendo que no interior do estado também tem, também tem afoxé, então podemos fazer um grande evento. Pra comemorar a inclusão dele nesse projeto maravilhoso que o IPAC tá promovendo.

Registro:

Olha, há muito tempo que a gente estava só por conta da gente e essa é a idéia que as pessoas tem, “você negão ai se vire ó”, o Estado não se aproximava e quando o Estado se aproximava era o Estado depredador, só queria levar o dele, só queria tá perto no dia da eleição, só queria mostrar que tá com a negrada, mas nunca pensava em como proteger esse patrimônio que é de todos nós. Então esse projeto tem um lado interessante, primeiro, fazer essa discussão sobre a memória, e essa memória pode ser usufruída por uma série de pessoas, inclusive pra aqueles que estão interessados na aplicação da lei 10.639, “taí” um material sobre cultura negra, cultura africana.

A outra questão é ter essa possibilidade de prestigiados que somos, com esse projeto, abrir fonte de pesquisa, abrir fonte de financiamento, abrir fonte de in-

teresse, não só do Estado, mas das grandes empresas também, porque o que eu fico levando em conta é que o Estado agora encontrou uma maneira boa de nos prestigiar, não é cooptando, não é chamando a gente pra fazer cena, é chamando a gente pra fazer parte do palco principal, que é dizer que a gente é importante, que a gente é imprescindível, e que gente precisa de ajuda, mas ajuda no sentido em que eu digo ajuda como essa, dizendo porque que a gente exige ajuda, porque a gente tem o que contar e à medida que a gente tem o que contar da nossa memória, do nosso passado indígena, do nosso passado negro, até do nosso passado português, esses projetos chegam em boa hora, porque divulgam o valor dessas atividades e não apenas fazem dessas atividades manobras políticas.

Babalotin:

Eu nem falei o nome de Babalotin, porque Babalotin pra mim é fundamento. É tão fundamento que quando Didi fez o afoxé dele, que foi que minha Mãe Senhora disse, isso você não pode cantar, nem isso você não pode levar pra rua, então ele fez o que, Papai Buruku que era um boneco, então eu posso comentar, dependendo da pergunta. Mas eu sou um cara radical, na questão do segredo do candomblé. Babalotin é o Exu que vai pra rua. Agora você tirar um Exu de casa pra ir pra rua é um negócio muito sério, então eu nem comento muito, porque às vezes você faz uma reportagem dessa, o cara quer criar um afoxé, se baseia nisso aqui e sai pra rua sem saber porque que ta levando. Entendeu o que eu to falando? E aí vem às conseqüências, né?

Criança que carrega o Babalotin:

Eu respondo com uma metáfora porque que é uma criança. E vou contar. Na verdade aí tá contido um mito interessantíssimo, que é o mito dos gêmeos Dou e Alabá, que são representados, os dois, como se fossem o Exu menino, que através de um truque consegue, pela música e pelo ritmo, enganar a morte. Como é esse mito? É um mito fantástico. A morte resolveu visitar uma comunidade e ia exterminar todo mundo. Durante o caminho, os dois meninos estavam traquinas, brincando, e a morte perguntou, “você vai pra onde?”, “ah eu vou praquela aldeia tal assim”, “ah, vai fazer o que lá?”, “ah eu vou levar todo mundo”. Ai os meninos disseram assim, “não, vamos fazer uma proposta?”, “vamos”, “se eu botar você pra dançar o tempo todo, você levaria o pessoal lá?”, “não, se você conseguir que eu dance sem parar eu não vou visitar o pessoal da aldeia,

não vou levar ninguém”, “ta começando?”, “tá!”, que aconteceu, eles pegaram o tambor e começaram a tocar, só que a morte começava a dançar, como eles eram gêmeos iguais, eles substituíam um pelo outro, a morte não sabia, então um saía o outro entrava, um saía o outro entrava, a morte já tava, não agüentava mais, eles coro, coro, coro, coro e um saía, aí teve uma hora que a morte “olha, eu não posso com vocês não! Eu vou é me embora!”. Então ele representa o espantar da tristeza, o menino, e a convocação da alegria, porque é ele é que faz essa proposta pra morte sair do espaço do carnaval, cabe a morte no espaço de carnaval? Só se for de metáfora. Então a partir daí, a criança leva aquele símbolo da alegria e da possibilidade de procriação, fundamentado nesse, nesse mito, de que no carnaval não cabe espaço pra Egum, entendeu? Ai vai uma criança que representa o que?

O nascimento da vida e ela que é encarregada de levar a possibilidade do carnaval ser alegre. Em síntese é isso, isso não é a obrigação que se faz, isso é a explicação porque vai na frente esse personagem.



Parecer sobre o Registro do Bem Cultural de Natureza Imaterial Desfile de Afoxés

Notificação Pública

Salvador, 11 de fevereiro de 2009

* Mateus Torres

“Entramos no Século XXI com o patrimônio ocupando um papel central na reflexão não só sobre a cultura, mas também nas abordagens que hoje se fazem do presente e do futuro das cidades, do planejamento urbano e do próprio meio-ambiente.”

(Leonardo Barci Castriota, Patrimônio Cultural – Conceitos, Políticas e Instrumentos)

Este processo trata da inclusão do segmento de matriz africana Desfile de Afoxés, como patrimônio cultural da Bahia, no Livro de Registro Especial de Eventos e Celebrações.

Considere-se aqui, como Desfile de Afoxés, representações características desta manifestação, identificadas na conclusão das pesquisas históricas e que são representadas através de entidades devidamente cadastradas na sociedade.

* Museólogo.

O requerimento de Registro do Desfile de Afoxés foi encaminhado, através de Ofício ao Diretor Geral do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), Sr. Frederico A. R. C. Mendonça, em 2009, pelo Grupo de Afoxés Filhos de Gandhi, por intermédio do Sr. Agnaldo Silva.

O denominado Patrimônio Imaterial tem se constituído como um dos maiores e atuais desafios para os órgãos que trabalham no campo da preservação do patrimônio cultural em geral, nas esferas federal, estadual e municipal.

Muito embora Mário de Andrade, ainda na década de trinta do século XX, tenha identificado a importância de preservação desta categoria de patrimônio no mesmo nível das questões relacionadas à preservação do patrimônio material, ou tangível, os instrumentos legais que oficializariam a preservação do primeiro citado, seriam somente estabelecidos no âmbito constitucional com a promulgação da Lei Nº. 9.649, de 27 de maio de 1998 e com o Decreto Nº. 3.551, de 04 de agosto de 2000. Esses instrumentos legais definiriam, então, quatro Livros de Registros Especiais, divididos em quatro categorias para inclusão dos bens patrimoniais de natureza imaterial.

No Estado da Bahia, a Lei 8.895, de 16 de dezembro de 2003, que institui Livros de Registros semelhantes, elaborados em prol do amparo do patrimônio imaterial, ou intangível, só teve a sua regulamentação, através do Decreto 10.039, em 03 de julho de 2006. Isso mostra, claramente, o motivo da afirmativa em relação à contemporaneidade da discussão acerca do patrimônio imaterial.

Felizmente, houve ainda um avanço no pensamento desta equação de valores de parâmetro entre as duas categorias de patrimônio e caminha-se, agora, em direção ao entrosamento vital de ambas. Assim como as manifestações populares solidificam-se em algum suporte – seja numa igreja, na produção de algum objeto artesanal, no preparo de um alimento ou mesmo numa gravação fonográfica – as manifestações materiais, sejam elas edificações, coleções de objetos artísticos, conjuntos arquitetônicos, paisagens urbanas ou paisagens naturais – qualquer algo sólido que se relacione com o homem ao ponto desta relação interferir no seu modo de pensar e agir –, para terem um sentido de preservação, dependem diretamente dos elementos simbólicos nelas identificados e, portanto, imateriais, reconhecidos por um quadro de valores acordado socialmente.

A grandeza do desafio está atrelada não apenas à atual situação de estabelecimento de relação de parceria com uma sociedade ansiosa por informações rápidas e segmentadas, abduzidas freqüentemente dos portais da internet e programas televisivos – e, por este motivo, desabituada a deter sua atenção em questões que demandam uma parcela maior de tempo para assimilação, Ela se vincula, também, à responsabilidade de compreender o objeto efêmero e carregado de simbologia que representa esta categoria de patrimônio e, ainda, comunicá-lo – devolvê-lo – da maneira mais transparente e honesta para o restante da sociedade. Somente desta forma será possível promover a identificação, sobretudo popular – que certamente se constitui como a classe mais envolvida nas suas ações, uma vez que a própria chamada cultura popular é a que possui uma maior identificação com o povo –, da importância de preservação do patrimônio na sua representação mais ampla.

Ao Desfile de Afoxés é concedido um parecer favorável por parte do IPAC para que o mesmo seja inserido oficialmente no rol dos bens culturais do estado, após uma pesquisa histórica substancial, através de coleta documental e iconográfica, registro de entrevistas que foram transcritas para fazer parte deste dossiê e de entrevistas que resultaram num produto documental em suporte áudio-visual, instrumento que tem se mostrado cada vez mais indispensável para a compreensão do patrimônio e que, concomitantemente, cumpre a função de salvaguardar, no primeiro ato, a preciosa memória do patrimônio.

Este segmento representa uma manifestação cultural de um dos três principais povos responsáveis pela colonização do Brasil, resistindo, há pelo menos quatro gerações – o equivalente a não menos que cem anos –, no que se configura, sobretudo, como uma das principais recomendações do Conselho Estadual de Cultura da Bahia – que reafirma a recomendação das normas internacionais instituídas pela UNESCO –, sobre o mínimo de três gerações de prática para o Registro de um bem de natureza imaterial.

Outro fator importante para inserção deste bem cultural no Livro de Registro é a necessidade identificada pelos próprios representantes deste segmento de terem um reconhecimento oficial, através do Governo do Estado da Bahia, como patrimônio. Esses representantes não apenas se mostraram solícitos durante os trabalhos de pesquisa para que os mesmos fossem desenvolvidos da forma mais

coerente quanto possível, mas, também, demonstram interesse em contribuir para as futuras ações de salvaguarda.

As ações de salvaguarda projetadas para o Desfile de Afoxés, substancialmente, não se distanciam das ações projetadas para os outros bens de natureza imaterial reconhecidos nos Livros Especiais de Registro do estado.

A divulgação na rede de TV pública e a distribuição do material áudio-visual – resultado da edição de mais de vinte horas de captura das entrevistas guiadas pelos técnicos responsáveis por este dossiê – em escolas, universidades e outras instituições que, de alguma forma possam contribuir, ou mesmo se beneficiar dessas informações para seu próprio desenvolvimento, constitui-se como a primeira dessas ações.

A edição e publicação deste dossiê mostra-se, também, indispensável como ação de salvaguarda.

Outras ações elementares e praticadas de maneira responsável pelo IPAC têm sido as realizações de oficinas para confecção dos objetos simbolicamente representativos, exposições temáticas, atualizações das pesquisas e, com isso, alimentação do próprio dossiê de Registro, promoção de seminários acerca do tema, divulgação da manifestação, incentivo a novas publicações e produtos áudio-visuais e desenvolvimento de estudos de economia da cultura.

Diante da argumentação dissertada no decorrer deste texto, espera-se que a importância da inserção do Desfile de Afoxés no Livro de Registro Especial de Eventos e Celebrações do Estado da Bahia esteja evidenciada para o Conselho Estadual de Cultura.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. Esperanças de Boaventuras: Construções da África e Africanismos na Bahia (1887-1910). *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 24, nº 2, 2002.

_____ & FRAGA FILHO, Walter. *Uma História do Negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006

CACCIATORE, Olga Gudolle. *Dicionário de Cultos Afro Brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 3ª ed. Revista, 1988.

CARNEIRO, Edison. *Candomblés na Bahia*, 1948.

_____ *Folgedos Tradicionais*. Rio de Janeiro: Funarte/INF, 2ª Ed., 1982.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 5 ed., 1984.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Patrimônio Cultural: Conceitos, Políticas, Instrumentos*. São Paulo: Annablume, 2009.

CASTRO, Yêda Pessoa de. *Falares Africanos na Bahia: Um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks 2005.

COSTA E SILVA, Alberto da. *A Enxada e a Lança: A África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3ª Ed., 2006.

FERNANDES, Ana; GOMES, Aurélio de Filgueiras. *Idealizações urbanas e a construção da Salvador moderna: 1850-1920*. In: *Cidade & História (Org.)*. Salvador: Faculdade de Arquitetura/ ANPUR, 1992.

FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente da Revolução de 1930*. Rio de Janeiro, 2003.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *“Fazendo fita”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930*. Salvador: EDUFBA, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LEITE, Rinaldo. *E a Bahia civiliza-se: ideais de civilização e cenas de anticivilidade em um contexto de modernização urbana, Salvador, 1912-1916*. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

LODY, Raul. *O povo de santo: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos*. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 2006.

_____ Afoxé. Revista de Folclore, n.7.

LUZ, Marco Aurélio. Agadá: Dinâmica da Civilização Africano-Brasileira. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA: Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, 1995

MELLO E SOUZA, Marina de. Reis negros no Brasil escravista: História da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 2002.

MORAIS FILHO, Mello. Festas e Tradições Populares do Brasil. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

NASCIMENTO, Jaime; GAMA, Hugo (Orgs.). Manuel R. Querino: Seus Artigos na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Salvador: IGHB, 2009.

QUERINO, Manuel. A raça africana e os seus costumes na Bahia. Ed. P 555/ Teatro XVIII. Coleção A/C/Brasil.

RAMOS, Arthur. O folclore negro do Brasil. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil. 2ª Ed.

REIS, João José (Org.). Invenção da Liberdade: Estudos sobre o negro no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____ & SILVA, Eduardo. Negociação e Conflito: A resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RISÉRIO, Antônio. Carnaval as cores da mudança. Revista Afro-Ásia. Salvador: UFBA, n. 16, 1995.

_____ Uma História da Cidade da Bahia. Rio de Janeiro: Versal editores, 2ª Ed., 2004.

RODRIGUES, Raymundo Nina. O Animismo Feitichista, 1935.

_____ Os africanos no Brasil. São Paulo: Madras, 2008.

SAMPAIO, Consuelo Novais. Os partidos políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação. Editora da UFBA, 1998

SANSONE, Livio; SANTOS, Jocélio Teles dos (Orgs.). Ritmos em trânsito: socio-antropologia da música baiana. São Paulo: Dynamis Editorial; Salvador, Bahia: Programa A Cor da Bahia e Projeto S.A.M.BA., 1997.

SANTOS, Deoscóredes Maximiliano dos. História de um terreiro nagô: crônica histórica. São Paulo: Carthago & Forte, 1994.

SODRÉ, Jaime. Jornal Irohin, 27/01/2008

SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

TAVARES, Cláudio Tuiuti. “Afoche’ – Ritmo Bárbaro da Bahia”, In: Revista O Cruzeiro, 29/05/1948.

VIANNA, Hildegardes. “Do entrudo ao carnaval na Bahia”. Revista Brasileira de Folclore, nº13, set-dez, 1965.

Esta publicação foi editada em novembro de 2010 pelo IPAC
Composto em Garamond e Chaparral Pro
Impresso em papel couché fosco 170gr/m² e papel supremo 300gr/m²
Gráfica QualiCopy
Tiragem 3.000 exemplares
Salvador - Bahia - Brasil

DESFILE DE AFOXÉS

